ANNO V — N. 43 MARÇO, 1930

# REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

## SUMMARIO

A experiencia dos outros. — A personalidade do professor, *Abel Fagundes*. — A escola moderna, *Firmino Costa*. — Diario — o que é. — De 1 a 10, *Emilia Silva de Freitas*. — Como fazer uso do diccionario. — Falsificação de um museu escolar. — O ensino da lingua. — A pomba ruiva, *Lombardo Radice*. — Os nossos concursos. — Pequena anthologia de recitativos: O pé de milho; O menino luxento.

A VOZ DA PRATICA — DAQUI E DALI
ACTOS OFFICIAES
INFORMAÇÕES UTEIS

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

# LIVRARIA ALVES

*O Mundo na mão,* pequena encyclopedia de conhecimentos uteis, 1 vol. com 800 pags. enc. 15$000.

*Candido de Figueiredo — Pequeno Diccionario da Lingua portugueza,* 1 vol. com 1.466 pags. enc. 15$000.

*Jayme de Seguier — Diccionario encyclopedico pratico e illustrado da lingua portugueza,* 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, 1 vol. com 1.780 pags. enc. 25$000.

*J. Soares — Atlas historico - geographico universal,* o mais completo e moderno existente em portuguez, 1 vol. com 104 mappas primorosamente impressos e coloridos, enc. 25$000.

PEDIDOS A

## Livraria Francisco Alves

*Paulo de Azevedo & Cia.*

**BAHIA 1.052**

BELLO HORIZONTE

ANNO V — N. 43 MARÇO DE 1930

# REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PUBLICO
N.º 210
Data 20-10-
BIBLIOTECA

## A EXPERIENCIA DOS OUTROS

Vae tomando, dia a dia, grande parte na literatura pedagogica a descripção das escolas. Ao invés de escreverem um tratado sobre as novas orie tações pedagogicas, certos espiritos de eleição preferem descrever, com carinho e minucia, o que se lhes depara em certas escolas, qual a sua organização e orientação, qual oseu methodo, quaes os seus processos didacticos e como os alumnos reagem a essa orientação. Ao invés, afinal, de considerarem a escola abstracta e ideal e erguerem construcções no ar, dedicam-se a observar, a acompanhar e a estudar uma determinada escola, com um mestre authentico em frente de uma turba buliçosa e inquieta. E, depois de longa observação, de terem bem conversado o mestre, inquirido mil coisas dos alumnos e manejado concretamente os trabalhos dos alumnos, procuram descrever esse admiravel espectaculo humano e tirar delle licções de uma pedagogia viva e impressionante, porque concreta, real, praticada.

Taes obras são de utilidade evidente. Não é necessario ponderar a influencia que tem tido nos Estados Unidos uma obra como as *Escolas de amanhã*, de Dewey, ou *Para a escola de amanhã*, de Angelo Patri. São paginas de deliciosa leitura e que, ao lado de agradaveis impressões, nos põem á frente dos olhos, como dentro dos

olhos e do espirito, o segredo de uma bôa escola e os verdadeiros processos de educar.

Mesmo em obras antigas, como o *Coração*, de Amicis, em que tão vigorosamente se desenha uma escola italiana do seculo passado, um professor de verdade colherá ensinamentos excellentes, encontrará modelos para sua attitude, melhor comprehensão de sua tarefa e, por isso mesmo, maior devotamento.

Pois bem. Esse genero de literatura acha a sua razão de ser na necessidade que têm os homens de saberem o que fazem os outros homens, o que tentam e o que conseguem, — para, por sua vez, aperfeiçoarem os seus instrumentos de trabalho e não se arriscarem a experiencias desastradas.

Não póde deixar de haver, entre nós, como os ha em toda parte, professores de verdade, que têm a intuição das grandes leis pedagogicas e bastante devotamento para merecerem o nome de mestres, — e nós devemos observar-lhes a obra, a attitude, os processos. Si o que querem os escriptores de escolas — é vulgarizar doutrinas, orientações, applicações intelligentes e fecundas, para que nos utilizemos das experiencias alheias, porque não observarmos o que fazem os nossos mestres, as suas experiencias, as suas iniciativas, os seus esforços? Por que não buscarmos, através dos grandes pedagogos, o que fizeram e fazem os outros povos?

Esse desprezo das experiencias alheias, essa falta de interesse pelo trabalho dos outros na obra commum que todos nós estamos realizando, essa surdez e essa cegueira para as qualidades e virtudes alheias — constituem grave erro e pesado prejuizo para a actividade dos mestres. Mesmo Pestalozzi, que foi exemplo dos mestres, e cujo genio lança um clarão incomparavel na historia da educação, não poude realizar, em toda sua plenitude, a immensa obra que queria realizar, porque quiz contar só comsigo, só com o seu proprio engenho e com as suas proprias creações, deixando de colher as lições e experiencias dos outros.

O Regulamento Primario ordena as visitas periodicas de professores ás classes de outros professores. Nada mais intelligente, nem mais fecundo. Entretanto, sem atinarem com a finalidade do preceito, os professores cumprem-no mal, se cumprem, e, quando cumprem, não comprehendem que aquelle rapido estagio—constitue excellente lição, de que devem tirar todo o proveito. Se bôa a professora, verão qualidades dignas de serem adquiridas. Se má, verão defeitos que deverão evitar...

# A PERSONALIDADE DO PROFESSOR

Entendo que no ensino o papel preponderante cabe ao professor.

Será, talvez, um ponto de vista pessoal, e, como tal, destituido de valor. Certo é, porém, que tenho disso convicção absoluta.

A experiencia tem fartamente provado a influencia decisiva exercida pelo mestre sobre os alumnos, e o aphorismo reza que "tal seja o mestre, tal será o discipulo."

Julgo que, á medida que formos progredindo e a legislação se tornar cada vez mais severa, não haverá carreira de mais difficil accesso que o magisterio. Adoptar-se-á, para o preenchimento dessa funcção, o criterio da selecção moral mais absoluta. O professor ha de ser o prototypo da honestidade, da virtude, do homem do trabalho e do dever.

E não será exigir muito, porque, effectivamente, bem pouco vale preceituar methodos e processos de ensino consentaneos com a psychologia infantil, si a personalidade do mestre é por si mesma um perigoso exemplo que ha de influir decisivamente na formação da personalidade infantil.

## IMITAÇÃO — INVENÇÃO — HABITO

Com effeito, basta voltar os olhos para esse periodo extraordinariamente propicio a toda a intervenção educativa, qual seja o em que, começando a vontade a se affirmar, a creança, nimiamente imitadora, tem já um certo numero de habitos e uma diminuta dóse de experiencias com que vae iniciar a sua vida escolar. Taes habitos, na maioria passageiros e substituiveis, são, na educação moral, o ponto de convergencia da attenção do preceptor avisado. Nelles e com elles é que o mestre terá de agir, procurando fazer com que se affirmem os uteis, e trabalhando pela eliminação dos prejudiciaes.

Toda a vida, se resume, finalmente, numa formação, numa substituição, num jogo de habitos, quasi todos elles adquiridos por imitação, seja reflexa, persistente ou intelligente.

A imitação é, pois, o grande recurso educativo, mas por isso mesmo o mais perigoso.

O professor se apresenta ao alumno como um ser superior, que de facto é, não só pelo cultivo intellectual, mas tambem porque lhe parece que elle accumula os mesmos poderes que residem nos seus paes.

Dest'arte, o mestre, desde o primeiro instante de convivencia com os discipulos é alvo de uma constante observação por parte destes. Analysam-lhe a personalidade physica, a personalidade moral, mais por curiosidade que por outra coisa. Das suas attitudes inferem a conducta que convem manter para com elle, formam sobre elle bom ou mau juizo, que logo em seguida se affirma em sympathia ou antipathia.

Costumo affirmar que melhores observadores, mais atilados psychologos são os alumnos que os professores, que, longe de os examinarem, os tratam como se fossem eguaes.

Mas, como dizia, feita a analyse, assentado um juizo, qualquer que elle seja, a creança continúa a reconhecer no mestre a autoridade, e obedece. A sua personalidade se vae impondo dia a dia, a convivencia se estreita, grande parte do dia trabalham em commum — logo, o professor se torna o grande fornecedor de exemplos aos seus alumnos.

Elles imitam-lhe a letra, a entonação da voz, o andar, os gestos, as qualidades moraes.

E a observação continúa. Longe de se circumscrever á vida escolar, ella se extende para fóra, e lá como aqui, está o mestre sob a incansavel observação dos discentes.

Isso explicado, faço agora a pergunta que é sempre um pesadello para muitos educadores que disso só têm o titulo: — a vida social do professor condiz com os preceitos moraes que elle préga e exige dos seus alumnos?

Elle não póde se esquecer de que a verdadeira escola de moral é a vida pratica, e de que esses preceitos moraes recitados pouca significação têm, quer para os adultos, quer para os pequenos.

Se a creança encontra o professor praticando o contrario daquillo que lhe ensina, se verifica que ha dois estalões de vida, um para ser exigido dos alumnos, outro para ser praticado pelos professores, a creança não póde agir com segurança, e, a ter de escolher entre o aconselhado e o praticado, escolhe este, que mais fundamente lhe impressiona os sentidos e a consciencia.

E não fica ahi o mal, porque o escolar terá já comprehendido que a escola faz a apologia da hypocrisia e da men-

tira, e, contemplando a enorme distancia que vae da palavra ao acto, aprende a descrer do professor, a retirar-lhe a sua confiança, e a fazer-se tambem mentirosa e desleal.

Fórma o habito da incongruencia entre o pensamento e a acção, e, continuando a imitar porque isso é uma necessidade do seu apparelho nervoso, já não procura distinguir quaes os actos que devam ou não ser imitados.

Então, toda a responsabilidade do fracasso da obra educativa cabe ao docente, irremediavelmente, porque bons fossem os exemplos, bons teriam sido os habitos implantados na personalidade infantil.

E não seria caso para processo criminal o desviar de uma linha recta na vida, por incapacidade moral, dezenas e dezenas de creaturas?

E' um ponto de summa importancia no ensino e como tal deve ser encarado e meditado por todos os educadores dignos deste nome.

Penso que ao professor e ao sacerdote incumbe o dever de ter constantemente os olhos voltados para dentro de si mesmos, numa incessante pesquisa, num incansavel exame. Cabe-lhes fazer de cada instante da vida uma opportunidade para melhorar a sua alma, para encherem-se de virtudes, que devem apontar aos outros, não vagamente, como coisa irrealizavel e ideal, mas como realidade tangivel e de possivel acquisição.

ABEL FAGUNDES

(Assistente technico do ensino)

# A ESCOLA MODERNA

A escola moderna lembra uma officina pela sua actividade e pela sua efficiencia. Uma e outra são centros de esforço methodico e constante, meios de cooperação social e economica, agentes de educação moral e physica. Nesta como naquella o cerebro dirige e as mãos executam: em ambas aprender é adquirir a capacidade de fazer. Nem a vida do homem tem outra finalidade sinão agir para o proprio desenvolvimento e para o bem social.

O professor corresponde ao official. Tanto mais vale este, quanto mais perfeito o seu trabalho: assim será aquelle. A obra, que elle effectuar, attestará a sua aptidão, elevará o seu merito, conquistar-lhe-á o apreço da sociedade. O professor e o official sejam homens de iniciativa, que acompanhem o progresso de sua arte, jamais subordinados á rotina, jamais vencidos pelo pessimismo. Cultivar a energia e o amor da profissão bem póde ser a divisa de ambos.

O alumno equivale á materia prima da officina. Ainda que esta seja a pedra preciosa de maior estimação, aquelle não se lhe compara pelo seu valor presumivel. Elle póde trazer em si a mais admiravel potencialidade, a que produz um cidadão prestante, e quem sabe? um heróe, um santo ou um sabio... Por isso mesmo, o alumno transforma a escola na mais importante das officinas, formadora que é de cidadãos dignos desse nome.

Na officina, o trabalho, na escola o ensino: são expressões correspondentes. Trabalho é o termo popular para exprimir ensino activo, intuitivo ou experimental. Pelo trabalho pessoal do alumno, fazendo que elle aprenda mediante o proprio esforço, tal o verdadeiro ensino. O mestre dirige a actividade do alumno, e o trabalho deste, nas experiencias que realiza, constitue para a vida o melhor aprendizado.

O ensino está para o trabalho, assim como o methodo para a ferramenta. O methodo é ferramenta destinada a abrir caminho ao desenvolvimento mental do alumno para que

este comprehenda e pratique ao mesmo tempo a vida social, concorrendo desde logo para a harmonia e o progresso da collectividade a que pertence e na qual representa uma esperança.

O producto da officina tem diversos nomes, conforme o material empregado; o producto da escola chama-se educação, tanto vale dizer, preparo para a vida. E' este que valoriza aquella, imprimindo-lhe acertada orientação e tornando-o realmente util ao operario e ao meio social. Pelo bem acabado de seus productos, é que se firmam os creditos da officina; pelo preparo de seus alumnos é que a escola se impõe á consideração social.

Estes similes não foram lembrados para effeitos literarios; elles se propõem a esclarecer a moderna concepção da escola. Esta é casa de trabalho, centro de acção, formadora de actividades, qual a officina bem dirigida; o ensino puramente verbal, ministrado em fórma discursiva, no qual o alumno se converte em mero recipiente, não póde mais ser tolerado na escola. Assim como na officina todos trabalham e produzem, officiaes e operarios, assim tambem na escola todos devem agir e colher resultados, professores e alumnos.

Cumpre ao professor reformar-se para poder reformar a escola. Não se considere ser isso impossivel: os meios estão franqueados, e com um pouco de energia, concentrando os esforços no aperfeiçoamento de sua nobre profissão, cada professor poderá alcançar victoria decisiva.

FIRMINO COSTA
(Director technico do Curso de Applicação da Escola Normal Modelo)

# DIARIO — O QUE É

Entre os melhores exercicios de linguagem, que se podem fazer nas escolas, sobresae notavelmente o diario, isto é, a annotação quotidiana de todos os acontecimentos da vida das creanças.

O processo é simples e é muito conhecido. Muitas pessoas têm o bom costume de annotarem, dia a dia, os acontecimentos mais importantes, fixando, de fórma definitiva, pequeninos episodios que poderão, por vezes, acarretar graves e grandes consequencias. Isso até já constitue um genero de literatura, que deu á humanidade obras primas do tomo do *Journal intime*, de Amiel e de Tolstoi, ou do *Jornal e Pensamentos de Cada Dia*, de Elisabeth Leseur, que tamanha sensação vem causando no mundo catholico, pela profundeza do pensamento e pela santidade da escriptora.

Como é que se fazem esses diarios? Registram-se, naturalmente, em poucas palavras e sem pruridos de literatura, os acontecimentos e as impressões, singela e lisamente, porque taes registros se elaboram só para nós e para o bom governo de nossa vida.

## VANTAGENS

Pois bem: é esse processo de adultos, verdadeiro processo da vida real, como vêm, que nós queremos transplantar para as nossas escolas, com o exito e com a efficacia com que têm sido empregados nas melhores escolas do mundo.

Têm todas as vantagens esses excellentes exercicios: elles não martyrizam as creanças, que se angustiam á busca de assumpto, para darem conta das engenhosas composições que se lhes marcam; as creanças têm material abundante e opulento, na sua vida cheia de peripecias, de aventuras e de revéses, as creanças aprendem a traduzir, com precisão, as coisas que vêm, que sentem e de que participam; as creanças adquirem o habito de escrever *concretamente*, isto é, de contar coisas, descrever acontecimentos e expressar sensações,

impressões e opiniões, e não se habituam a jogar com palavras, a fazer phrases, a fazer essa rhetorica vasia e balofa, tão em uso entre nós, e que, espremida, nada dá de si.

## COMO EVITAR O SUPPLICIO DAS COMPOSIÇÕES

Já neste mesmo numero da *Revista,* tivemos ensejo de alludir a esse supplicio das competições de nossas escolas: marca-se um assumpto, de todo ponto afastado das preoccupações dos interesses infantis, coisas que nunca viram, situações que não estão á altura de imaginar, impressões e opiniões que nunca jámais tiveram ou recolheram — e quer-se, a toda força, que os alumnos escrevam paginas e paginas, como se fosse possivel, mesmo a um adulto, falar de coisas que não viu, não estudou e nem de leve conhece.

E' o caso de dizermos: — Podeis tirar agua de um pote vasio? Como quereis então tirar de uma creança coisas que ella não adquiriu?

Pois bem: o que se faz com o pote e se exige do pote — é que se deve fazer com os alumnos. Primeiro, põe-se agua, depois tira-se.

A differença é que com as creanças não se põe nem se impõe. Deve-se-lhes dar ensejo de experimentarem, de sentirem, de viverem e, depois, contarem o que experimentaram, o que sentiram e o que viveram.

São lapidares, nesse sentido, as palavras de uma grande professora franceza:

"Todo exercicio de linguagem deve ser, portanto, antes de tudo, um exercicio de pensamento e um exercicio *falado;* o resto seguir-se-á, não ignorado nem desprezado, mas em seu justo logar. O erro inveterado da escola tradicional por certo suffocou legiões de germens de individualidades virtuaes que um nada, em tal edade, é bastante para estiolar ou fortificar."

## COMO FAZER O DIARIO

A professora, de começo, perguntará aos alumnos os acontecimentos mais salientes do dia. Conversará sobre elles. Discutirá com elles. Fará que os exponham naturalmente, com simplicidade, fazendo que repitam palavras mal pronunciadas, que aperfeiçoem tal e tal phrase, que empreguem este ou aquelle termo mais preciso e mais expressivo.

Em escolas norte-americanas, esse processo é empregado desde o primeiro anno de escola, escrevendo os professores, com suas proprias mãos, no quadro negro — o que lhes dictarem os meninos.

Em interessantissimos trabalhos publicados, vê-se perfeitamente que mundo differente é o das creanças. O que, sobretudo, as interessa na vida é a natureza, o tempo, os animaes, as travessuras, os pequenos acontecimentos da vida familiar e escolar — que a todo momento são registrados em seus diarios.

Depois que os alumnos tiverem sentido, visto, agido, vivido e praticado qualquer sentimento, acontecimento ou acção, e depois que os houverem expressado, em conversação, em aula, — é que porão por escripto, com as palavras com que disseram oralmente, procurando contar, com exactidão e com vivesa, o que tiverem em vista.

## A CORRECÇÃO DOS ERROS

E' necessario que a correcção dos erros de linguagem das creanças, em uma exposição oral, seja feita com o maior cuidado possivel, não suffocando a individualidade das creanças, mas deixando que empreguem tal provincialismo ou phrase menos precisa, comtanto que exprimam bem e claramente o que com ellas as creanças pretendam expressar.

Criticando a preoccupação de uma professora em polir a linguagem dos alumnos, assim se exprime Lombardo Radice, em notavel obra, de que adeante falaremos mais largamente:

"E' pena que essas notas (dos diarios das creanças da escola de Portomaggiore) não se nos apresentem sob a sua fórma infantil primitiva — tão encantadora entre os alumnos que estão nos seus primeiros passos! — Mas, a professora (ella tambem fazia as suas primeiras experiencias) tinha escrupulo de deixar escrevêr uma pagina originalmente sem ter dirigido a conversação e suggerido assim a palavra mais precisa ou corrigido o provincialismo.

E' o unico vestigio, ao que me parece, da escola ordinaria, demasiadamente e prematuramente preoccupada com o estylo castigado, com o vocabulario impeccavel e com o verniz literario."

## PRIMEIROS PASSOS

Pensamos como o illustre pedagogo, mas achamos indispensaveis a participação e a insinuação dos professores nos primeiros exercicios. Mais tarde, percebendo os alumnos o que se quer e o que têm de fazer, deve-se dar-lhes maior liberdade.

## EXCERPTOS DE DIARIOS

Da notavel obra de Lombardo Radice, a que alludimos, e que acaba de sahir sob o titulo *"Les petits Fabre de Portomaggiore"* (Collection d'Actualités Pédagogiques"), vamos extrahir algumas paginas de diarios, as quaes darão aos nossos leitores a medida, a natureza e a fórma de um bom diario. Eil-os:

"1919. Mau dia — ar frio — ceu cinzento — ou bello dia — ceu azul — ar doce.

1920. 20 de abril. "Puzemos os nossos chapeus brancos". (Chapeu da Escola).

23 de abril. "Muitas nuvens. As ruas estão lamacentas."

29 de março — "Ha flores alvas nas pereiras e flores côr de rosa nas macieiras. As petalas cahiam ligeiramente."

8 de abril. "As andorinhas chegaram. As tilias de nossa avenida estão cheias de folhas muito tenras. Os sycomoros estão em flor. As romeiras têm botões."

1921. "Hoje, sol e nuvens. 23 de outubro."

1.° de junho. "Fernanda achou um pequeno sapo em uma poça."

Mais tarde, as paginas se vão alongando, o estylo se vae tornando mais claro e preciso e ha abundancia de notas e de impressões.

E' ver, por exemplo, o que escrevem Fernanda e Elvezia, do quarto anno:

1922. — 23 de novembro — "O nevoeiro, hoje, envolve todas as coisas: arvores, casas, cercas, prados e pessoas. Os olhos não vêm nada, nevoeiro, nevoeiro, nevoeiro, e é tudo". (Fernanda).

1923. 13 de janeiro. "Hoje, o vento faz uma revolução. As arvores são sacudidas daqui e dalli. Esta noite, houve tanta chuva e vento que eu não podia dormir. Esta manhã, os pobres passarinhos estavam inteiramente molhados. A terra está coberta de lama". (Elvezia).

"Esta manhã cedinho, quando eu estava ainda na cama, ouviu-se tocar o sino da primeira missa. Como é bello ouvil-o naquelle silencio!" (Arius).

14 de maio — "Esta manhã, como eu viesse para aula, vi no fosso uma margarida toda branca. A ponta das petalas era de um rosa claro. Eu disse a mim mesma: — "Vou colhel-a ou não?" E depois de ter pensado, digo: "Certamente que não a pegarei. Ella é tão bella!" (Elvezia).

1920 — 28 de junho — "Pertinho de nós canta um lindo passarinho que Jorge apanhou."

30 de junho — "Esse lindo passarinho era uma toutinegra. Morreu. Não sabiamos que era uma toutinegra e não lhe demos de comer o que lhe convinha."

## OS ASSUMPTOS PREDILECTOS

Nesse punhado de paginas, de que resumbram, com nitidez, a ingenuidade, a pureza e a divina sabedoria das creanças, certos assumptos retornam, com frequencia, como interesses peculiares e profundos.

Innumeras são as annotações sobre o tempo, a chuva, o sol, o céo, o nevoeiro, a manhã; sobre os passarinhos; sobre os animaes que vivem nos campos proximos, sobretudo pombos, abelhas e borboletas; sobre toda a natureza circumdante, as flores, as plantações, os fructos, as arvores; sobre os companheiros e a vida de cada um e dos seus; sobre os trabalhos escolares; sobre as pequenas compras para a escola, que são feitas pelos proprios alumnos; sobre os jogos e brinquedos; sobre os recreios; sobre as leituras que fazem; sobre os contos que lhes narram; sobre os seus sonhos; sobre os pequenos acontecimentos familiares da casa de cada um, etc.

## PARA FECHAR

Para fechar, mais algumas notas rapidas:

18 de março — "Esta manhã, mamãe vestia a minha irmãzinha. Mamãe disse-lhe: "Levante os braços" para lhe pôr o cinto, ella levantou os bracinhos e como ficou bonita!"

16 de abril — "Hontem, semeámos trigo nos vasos de flores."

30 de novembro — "Foi hoje o primeiro dia em que a professora nos deu um exercicio para fazer em casa."

E umas linhas tocantes e dolorosas:

12 de junho — "O pae de nossa companheira Fernanda morreu. Colhemos para elle uma braçada de ramos e de flores."

## DE 1 A 10

Não concordo com aquelles que julgam o ensino de 1 a 10 um programma demasiadamente pequeno para um anno lectivo. Pode-se, sem prejuizo, extender esse ensino até 100, conforme modificação posterior dos programmas. Podia-se ir até mil, porque, no que me parece, desde que o professor tenha jogado seriamente e de verdade com a primeira dezena, percorrendo e esgottando todas as opportunidades que se nos deparam no espaço de 1 a 10, não ha duvida que o resto se acha singularmento facilitado.

A utilidade, que encontro nessa limitação, é a de não termos o desprazer de verificar, nas escolas a que formos, o espectaculo terrivel de um pequenino a barbas com uma serie grande de algarismos, logo na primeira phase do ensino de arithmetica. Não concebo maior tortura.

O programma, fixando o numero até o qual podem ir as operações, andou sabiamente e acredito que alcançou o seu objectivo, que é o de dar aos professores a certeza de que, manejados os dez primeiros numeros e feitas sobre elles todas as operações,—têm os alumnos bases seguras sobre as quaes podem firmar-se solidamente. O que é importante é que o trabalho com a primeira dezena seja demorado, insistente, intenso, sommados, diminuidos, multiplicados e divididos, sob todas as formas, os numeros de 1 a 10.

Que não se tenha pressa de ir á centena e ao milhar, porque a acquisição de 10 dezenas ou 100 dezenas para quem soube adquirir firmemente a primeira dezena — é coisa simples e facil.

## ATÉ 100

Sei que o programma não foi bem interpretado nem bem comprehendido e, por isso mesmo, não foi precisamente applicado, porque os nossos professores, soffregos em vêr os alumnos em guerra com as grandes filas de algarismos, acharam demasiadamente pequena a sabedoria que vae até 10.

Descansados com as suas consciencias, porque pensando que não é mal passar alem do programma e sim deixar de ir até o ponto que elle marca,—alguns professores deram a primeira dezena, com a mesma precipitação e rapidez de antigamente, achando graça por certo de quem imaginou que 10 era o ponto final do conhecimento de arithmetica das creanças do primeiro anno.

Figuram mal, agiram mal. 20 até 100, até 1000, e até mais —é coisa facil para quem soube ir até 10. Que se vá, portanto, até 10, que se façam sobre a primeira dezena todas as operações imaginaveis, e, uma vez de posse desse conhecimento largo, firme e completo, pode-se caminhar sem escrupulo, porque sobre firmes alicerces.

Devem os professores capacitar-se de que o programma vale mais pelos limites que marca ao ensino das materias do que propriamente pela enumeração dos topicos contidos dentro desses limites. E' melhor não cumprir todo o programma do que exorbital-o. Sobretudo, em materia tão mal estudada, como a arithmetica.

## EXERCICIOS E SUA ORIENTAÇAO

Os exercicios devem ser feitos de tres maneiras: em primeiro logar, calculo *material*, que se fará, mediante objectos usuaes, botões, conchas, nickeis, palitos, sementes; depois, calculo *oral*, ou manejo dos objectos: o alumno repete os numeros, aprende-lhes a significação e, posteriormente, virá a separal-os dos objectos, abstraindo; e, finalmente, calculo *escripto*, em que os alumnos manejarão os numeros, em exercicios escriptos, aprendendo a representação graphica desses numeros, no quadro negro ou nos cadernos.

Quaes sejam esses exercicios—não parece preciso explicar. O programma exemplifica bem:contar os dedos,os passos, os collegas, os cadernos, os lapis, outros objectos, como botões, canenickeis, etc.; o mesmo exercicio principiando por dez e terminando em um; contar objectos de dois em dois, tres em tres, não excedendo de dez; contar objectos em ordem: primeiro, segundo, etc; dobrar papel ou partil-o, para dar a noção de meio.

Eu acho que o professor, excogitando cuidadosamente, variará esses exercicios, apresentando-os sob muitas formas: aproveitar-se-á das opportunidades que a vida escolar offerece; aventará jogos, que cheguem até 10; dividirá as unida-

des em metade, terça, quarta, oitava; formulará problemas interessantes e suggestivos, todos os que afinal se encontram em todas as arithmeticas, mas condicionando-os naturalmente aos limites do programma.

## AS QUATRO OPERAÇÕES

Dará problemas referentes ás quatro operações e poderá fazel-o, sem revelar aos alumnos os nomes das operações que fizeram. Por exemplo: porá sobre a mesa 4 lapis mais 2 lapis; dos 6 lapis mandará que um alumno tire 1, tire 2, tire 3; dará 2 lapis a tres alumnos — e perguntar quantos lapis são ao todo; dirá que cinco meninos têm 10 lapis e perguntará quantos tem cada um delles, sendo certo que teem todos egual numero de lapis.

Essas varias operações não serão aprendidas a fazer, successivamente, uma após outra, como antigamente. A subtracção não será fatalmente ensinada após a addição, nem a divisão após a multiplicação. Far-se-ão simultaneamente, o que não trará difficuldades, porque os dados são muito simples, e de mais a mais, concretos. Alem disso, dará esse processo mais variedade ao ensino.

Operando com os numeros por diversas maneiras, sem saber o nome das operações feitas, os alumnos verificarão, porém, que em tal caso cumpre subtrair e em tal ajuntar ou dobrar ou triplicar e apprehenderão o valor, a utilidade e o uso dos varios modos de resolver as questões.

Essas operações poderão variar indefinidamente, mas em todo caso em numero e em quantidade bastante para dar aos alumnos o *sentido* das quatros operações. Sommarão, diminuirão, multiplicarão, dividirão, meditando, analysando e raciocinando, fazendo, afinal, com simplicidade e sem difficuldade, operações que fariam, se houvesse o costumado apparato de decorar definições das operações e regras extensas, com provas dos noves—fóra e *reaes*; o nome, a definição, a regra, tudo é secundario, quanto ao valor educativo, e indubitavelmente nocivo e perturbador. E' apenas uma complicação. Devemos ter sempre em vista o velho preceito pedagogico: primeiro as *coisas*, depois os *nomes*. Mas não tenhamos pressa de dar os nomes. Guardemos para nós esse luxo de saber palavras difficeis...

EMILIA SILVA DE FREITAS
(Professora rural)

# COMO FAZER USO DO DICCIONARIO

E' conhecido o caso do homem que leu um diccionario inteiro, á busca de palavras com que enriquecer o seu vocabulario. Não enriqueceu tal e acabou com as idéas horrivelmente baralhadas. Certamente, esse homem não é um exemplo a seguir. Sel-o-ão, porém, aquelles outros que jamais abriram um diccionario na sua vida? Entre uma e outra enormidade, situemos em bôa posição o espirito curioso e methodico, que sabe fazer uso desse grosso e dispendioso volume, cuja unica utilidade é, para muita gente, encher um claro de estante ou servir de peso para collar enveloppes.

Não é exaggerar o valor do diccionario attribuir-lhe uma funcção importantissima no estudo da orthographia, na comprehensão do sentido das palavras, na sua applicação e dosagem, coisas que aprenderemos a fazer muito mais commodamente si nos soubermos utilizar desse armazem bem provido. E' instrumento de trabalho dos mais preciosos, affirmam os entendidos. E, como todo instrumento, requer uma technica para ser manejado e que, no caso, é simples, tão simples que a gente, ás vezes, nem se dá ao trabalho de aprendel-a e por isso a ignora completamente.

Perguntemos a um alumno de grupo escolar si sabe consultar o diccionario, ou como o consulta, e não obteremos, via de regra, resposta satisfactoria. Entre os adultos, nem sempre colheremos maiores esclarecimentos. Em geral, os diccionarios são frequentados com mão apressada e leve, que cuida apenas da precisão do minuto, não se preoccupando em abastecer-se para o futuro. Dahi a falta de methodo, que retarda as pesquisas, quando não as torna infructiferas. Ora, o diccionario tambem tem os seus segredos, modestos, mas nem por isso menos occultos á curiosidade inexperiente da maioria dos leitores. E para desvendar esses segredos, impõem-se exercicios repetidos e graduados, que habilitem o alumno a marchar com segurança através da floresta de paginas e do emmaranhado de palavras. Taes exercicios serão controlados pelo professor, que concederá uns 10 minutos por aula á pesquisa de synonymos ou significados, que virão reno-

var o estylo pobre das composições e ornar o espirito infantil com alguma coisa mais que o reduzido material colhido nas conversas de rua e escassas leituras.

## INDICAÇÕES PREVIAS

Um autor fornece-nos, a respeito desses exercicios, valiosas indicações. Antes de pedir á creança que procure determinada palavra — affirma elle — devemos assegurar-nos de que ella não só repete, sem pestanejar, as letras do alphabeto, como ainda (o que é mais difficil), conhece a ordem convencional que costuma presidir á sua enumeração: *a, b, c, d, e, f*... Feito isso, convidamol-a a notar, com o volume na mão:

Que as palavras, no diccionario, se acham dispostas segundo a ordem alphabetica: primeiro as que começam por *a*, depois as que começam por *b*, por *c*, etc., até *z*.

Que, quanto ás que possuem a mesma letra inicial, o seu logar depende da ordem alphabetica da segunda letra. Assim, *ab*acaxi virá forçosamente antes de *ac*alanto, da mesma maneira que *aca*lanto virá antes de *acr*editar: a regra é a mesma em se tratando das duas, das tres, das quatro primeiras letras eguaes.

Que, com referencia a duas palavras de extensão differente e começando pelas mesmas letras, a mais curta será sempre collocada em primeiro logar: *jornal*, antes de *jornalista*, *acto*, antes de *actor* ou de *actriz*, etc.

## AS PRIMEIRAS PESQUISAS

O que fica dito, e que poderá ter suscitado sorrisos displicentes ( tão vulgar, tão conhecido!) já offerece margem a alguns exercicios. Querendo o professor certificar-se de que os alumnos aproveitaram essas indicações, far-lhes-á perguntas assim:

— Qual a collocação destas duas palavras, no diccionario: *burro* e *tinteiro? Janella* vem antes ou depois de *igreja?* Enumerem, pela ordem em que se encontram no diccionario, as palavras *dentição, dente, odontologia, dentista; flor, casimira, recorte, borracha, victrola.* Por que motivo *abacate* vem antes de *abio?* etc., etc.

(As palavras assim apontadas serão previamente escriptas no quadro negro, pelo professor).

## NO ALTO DAS COLUMNAS

Prosigamos em nosso trabalho de iniciar a classe nos mysterios do diccionario. Far-lhe-emos notar, agora, que as palavras ahi estão dispostas em columnas: duas ou tres columnas por paginas, conforme a edição. Examinando essas columnas, os alumnos verão, no alto de cada uma dellas, tres ou quatro letras, pedaços inintellegiveis de palavras. E' importantissimo que elles comprehendam bem o que significa essas letras, e para tanto cumpre dizer, repetir e tornar a repetir, tantas vezes quantas preciso for, que, se trata das tres ou quatro letras iniciaes da ultima palavra definida e explicada em cada columna. Explicação que se tornará mais clara se lhe ajuntarmos a seguinte recommendação:

Toda vez que tiverem de procurar uma palavra, investiguem, primeiro, quaes são as tres ou quatro letras por que, certamente ou muito provavelmente, essa palavra começa. Uma vez conhecidas, tornar-se-á facil achar a columna em que a palavra desejada infallivelmente se encontra.

## EXERCICIOS GRADUAES

De posse desses elementos, já podem os alumnos entregar-se á procura de palavras difficeis em tempo relativamente curto. Mas que palavras lhes recommendaremos a principio? Evidentemente, não serão as difficeis. Assignalámos, de passagem, que os exercicios serão graduados e dirigidos pelo professor. Este evitará, de começo, o contacto violento com as palavras homonymas, quer pelo som, quer pela graphia. Assim, teremos cuidado em não mandar o alumno incauto pesquisar, por exemplo, *accender* e *ascender*, *paço* e *passo*, *séria* e *seria*, *mólho* e *molho*, *coser* e *cozer*, *ruço* e *russo* e outras que taes, cuja investigação será penosa ao pequeno bandeirante, confundindo barbaramente as suas precarias noções de orthographia. E dahi, a tendencia geral, sendo para a economia de esforço, é bem provavel que, dando-se ao alumno uma dessas palavras para procurar, elle se satisfaça com o achado immediato de outra que, sendo quasi igual pela fórma, é, entretanto, muito diversa pelo sentido. E ahi temos uma creatura que escreverá eternamente *penna*, de caneta, com um só *n*, fazendo, aliás, máo uso desse pequeno e valoroso instrumento de aço...

Achada a palavra que se pediu, ou a que suppõe seja ella, a creança lerá attentamente as explicações contidas no

diccionario. Concordam com o sentido que ella parecia ter no texto de onde a retiramos? Si concordam, está bem. Si não concordam, indaguemos porque, façamos outras pesquisas, reviremos o diccionario pelo avesso, mas não nos confessemos vencidos.

Ler attentamente e até o fim. Com effeito, não devemos acceitar a primeira significação que o diccionario nos propõe para determinado vocabulo. Uma palavra póde ter cinco ou seis sentidos differentes, e só a leitura completa do artigo que a ella se refere nos permittirá escolher, entre todos, o que fôr mais adequado ao espirito da pagina que lemos ou da phrase que o professor escreveu no quadro negro. Um exemplo entre mil: *simples*, adjectivo de que a gente usa e abusa, é tambem substantivo, com um significado totalmente diverso (nome de plantas medicinaes), que os lexicos consignam só depois do sentido de "não composto", de "homogeneo", de "desataviado", de "ingenuo". Como desvendar essas subtilezas apenas com um olhar apressado ás primeiras linhas do artigo?

## OUTRAS RECOMMENDAÇÕES

Mas ha outras recommendações que é preciso ter em vista, para se emprehenderem buscas fructuosas no diccionario. Uma dellas é referente ás abreviações, de que cada letra corresponde, ás vezes, a toda uma palavra, e cuja explicação o alumno deve habituar-se a encontrar no quadro annexo, á entrada do livro, conservando de memoria as principaes: *s*: substantivo; *v* minusculo: verbo; *v* maisculo: vide; *pl.*, plural, etc.

Outra diz respeito ao emprego das consoantes dobradas, de que a segunda muitas vezes escapa ao consultante, resultando não se encontrar a palavra requerida. Deste modo, o alumno vae procurar *addição* na columna encimada por *adi; aggravo*, na columna marcada por *agr*, etc. — e certamente não encontrará. O obstaculo ir-se-á removendo com as noções que o professor ministrar paulatinamente sobre a formação de palavras por meio de prefixos e os processos de assimilação.

Outras difficuldades residem nas differenças que a nossa orthographia usual estabelece entre a representação

sonora da palavra e a sua representação escripta: os *ph*, os *y*, os *x*, que armam pequenas ciladas ao pesquisador principiante, que, porém, as remove, mercê de exercicios continuados e racionaes.

E ahi está um pouco do que é preciso saber para que o diccionario preste á escola todo o serviço que é justo exigir delle.

Não calumniemos o diccionario.

# FALSIFICAÇÃO DE UM MUSEU ESCOLAR

Que é, entre nós, um museu escolar? E', ordinariamente, um mostruario, onde estão cuidadosamente classificados, ordenados e etiquetados objectos, especimens e coisas mais ou menos raras, no meio. Imitando-se a organização dos museus de cidade, onde se recolhe tudo o que é antigo, exquesito, raro ou excentrico,—o museu escolar tambem reune raridades, collecções de mineraes ou de insectos, uma flecha de bugre, uma pelle de urso, um passaro empalhado...

As creanças o visitam, de quando em quando, mas com todas as cautelas, porque o professor mal discorre acerca deste ou daquelle topico, em que pode manejar o material do museu, para logo o deixar, com receio de estragal-o. Admiravel e bemdicto receio! As creanças, pelo menos, livram-se de uma longa e dura estopada, que, de mais a mais, não tem utilidade alguma, porque o que aprendem, na rapida lição, fica sepultado, no ataúde das coisas mortas.

## A ESCOLA E' VIDA

A escola é vida, é actividade, é movimento. Um caixão funebre não tem razão de ser dentro della. E a velha concepção de museu—faz delle nada mais do que um caixão de coisas defuntas, incapazes de produzir um pequeno bem.

Demais, se pela sua funcção é uma coisa morta, por outro lado, pelo seu apparato e pelo seu arranjo, o museu tem sido apenas mais um ornamento da escola, um objecto de decoração, destinado a encantar os olhos dos visitantes.

São esses os mais graves defeitos do museu, tal qual é considerado e realizado entre nós: primeiro, é uma coisa morta que occupa um precioso espaço dentro de nossas escolas; segundo, é mais objecto de exhibição do que de ensino; terceiro, pela especialidade de algumas collecções, por vezes preciosa, como de pedras preciosas ou de insectos, torna-se caro demais para a nossa modesta organização e não preenche os fins que deve ter em vista.

## MATERIAL ETIQUETADO

Ha professores, aliás devotados e bons, que se magoam muito por não terem collecções ricas, quadros celebres e o material essencial dos museus. Emquanto não recebem taes e taes objectos, que têm por indispensaveis, estão convencidos de que não podem constituir o seu museu.

Ora, isso é evidentemente um absurdo. Um museu não se compra nem se dá: um museu faz-se. E faz-se, com o esforço dos alumnos e dos professores, dia a dia, á medida das necessidades. O que é mais ainda: um museu nunca se acaba, renova-se continuamente, porque a cada momento se nos deparam ensejos de enriquecel-o e transformal-o.

## FUNCÇÃO DO MUSEU

Desde Rousseau vem-se abrindo uma intensa campanha contra o verbalismo. O ensino de palavras, a decoração angustiadora, a repetição de coisas ditas e não vistas, a abstracção vão cedendo, dia a dia, o lugar ás coisas. Coisas e não palavras, eis a palavra em moda no seculo passado.

Pois bem: foi para pôr as coisas ao alcance das creanças, para que as lições de coisas não viessem a redundar em lições de palavras, foi para se pôr diante dos olhos e das mãos das creanças um bocado de natureza e de concreto— que se construiram os museus. Elles destinam-se, portanto, a substituir de algum modo a natureza, porque não é possivel estar a escola continuamente em pleno campo e, embora fosse possivel, nem sempre o campo tem os objectos de que precisamos para as nossas lições.

Em outras palavras: para evitar a abstracção e o verbalismo, pragas das pragas de nossas escolas, é necessario multiplicar as relações das creanças com as coisas, com o mundo exterior, com a natureza e isso se consegue, periodicamente, através de excursões, e, permanentemente, por intermedio do museu. O museu apresenta-se-nos, assim, como o intermediario entre o mundo exterior e o espirito das creanças, dando-lhes a ver aquellas coisas simples, vulgares e necessarias, coisas usuaes e communs, que as estimularão a observar, a comparar e a induzir.

## O MATERIAL

Um notavel pedagogo precisou admiravelmente o que deve conter um museu escolar, quando affirmou que elle devia ter, mais ou menos, o que tem o bolso cheio de um garoto, de-

pois de um dia cheio de peripecias. Isto é, uma infinidade de bagatellas, botões, alfinetes, pregos, varinhas, pedrinhas, vidros, sellos, gravuras, pedaços de fita, sementes, etc.

Justamente: o museu deve conter todas essas bagatellas, objectos communs e baratos, ao alcance da mão, que possam ser continuamente sopesados e manejados, sem medo de estragos, porque devem e podem ser continuamente renovados.

As creanças encarregar-se-ão de o enriquecer, com as suas contribuições tão uteis, que arrecadam continuamente, em sua tarefa ordinaria de procurar e de colleccionar. Através das excursões, colher-se-ão as coisas mais communs da natureza circumdante da escola. Uma coisa que pedisse despesas poderia ser adquirida com economia de todos, vintem por vintem, contribuindo-se, assim, pouco a pouco, com esforço e com sacrificio de todos.

Com alguns botões, cartões, gravuras, cacos de vidro sementes, nozes, bolinhas de vidro, pedaços de fita, amostras de tecidos, novellos de lã, latinhas, tubos de comprimidos, caixinhas, moedas, pregos, fios de lã, etc., poder-se-ão fazer excellentes e numerosas experiencias scientificas, sem o apparelhamento complicado dos laboratorios. O estudo minucioso das côres e suas nuanças, da forma, do peso, das dimensões, do numero e das materias das coisas—poderá ser feito, com grande vantagem, com essa multidão de bagatellas preciosas. Levar-se-ão os meninos a observar todos os objectos, com applicação de todos os sentidos, vendo-lhes as côres, apreciando-lhes a consistencia, a lisura ou a rugosidade, tomando-lhes o peso, verificando-lhes a sonoridade, tomando-lhes o gosto. Depois procurarão comparar, apontarão semelhanças e differenças. Desenharão objectos, fixando-lhes melhormente os contornos e as particularidades. Conversarão sobre elles. Emfim: observarão, compararão e concluirão. E terão feito verdadeira sciencia, cuja tarefa não passa de induzir conclusões dos factos observados e experimentados.

## MUSEUS FEITOS

Diante disso, é inutil pensar que ha museus feitos para com elles se dotarem as escolas, como ha roupas feitas para todos os corpos. Os museus são productos do trabalho e do esforço da escola. Devem constituir-se de accordo com o programma a ser ensinado. Devem ter a physionomia particular das regiões em cujo seio a escola funcciona.

O museu de uma cidade industrial deve ser inteiramente diverso do museu de um centro puramente commercial ou agricola, como um museu de um grupo de cidade o deve ser do de uma escola rural. Coisas, pessoas, tarefas e interesses differentes—dão a cada museu uma forma individual e propria.

## GRAVURAS, CARTÕES

Ha coisas importantes, porém, de que não é possivel colherem-se amostras, por serem raras ou caras. O remedio é facil: recorra-se ás gravuras das revistas e jornaes ou aos cartões postaes. Ainda ha pouco estudamos o papel dos postaes no estudo da geographia. Em grandes paizes, ha escolas, por vezes localizadas em regiões muito pobres, que conseguiram formar collecções interessantissimas de gravuras, preenchendo, de modo fecundo, a visão directa de regiões, de accidentes geographicos e de centros humanos que a poucos é dado visitar e conhecer...

## CLASSIFICAÇÃO, ORDEM

Acima, referimo-nos ao material etiquetado e classificado. Não quizemos, com isso, negar utilidade a uma intelligente disposição e classificação do material. O que quizemos combater e criticar é o museu fabricado pelo governo ou pela industria particular, o museu engenhoso e artificial, que não dá e não pode dar uma idéa da natureza ás creanças. A natureza não se encommenda nem se fabrica: está ao alcance de todas as mãos.

Repetimos que não negamos a vantagem de ser o material bem acondicionado, disposto, classificado e etiquetado, pelas creanças, de modo que o encontrem, com facilidade e sem perda de tempo, quando preciso.

O museu não é um monte de coisas. E' um punhado de coisas ordenadas, de que devem as creanças levantar um catalogo. Insistimos em dizer que todo esse trabalho de acondicionamento e de classificação deve ser feito pelas creanças, bem como a colheita de materiaes, cabendo ao professor o papel de um collaborador dedicado e amigo, que trabalha ao lado das creanças e interessadamente como ellas, tendo especial cuidado em não lhes suffocar a individualidade, guiando-as em tudo, impondo-lhes a sua vontade, insinuando-lhes todas as acções.

## ALGUMAS RECOMMENDAÇÕES E CONCLUSÕES

I—Basta para acondicionar os objectos um pequeno armario, envidraçado, com varias divisões, ou mesmas pequenas estantes, com cortinas, que impeçam o pó.

II—O material deve ser variado e para o fim escolar não teem razão de ser as grandes collecções especiaes.

III—Os alumnos devem fazer o museu e o professor trabalhará, como se fosse alumno.

IV—Os objectos, porque serão fatalmente estragados com o uso frequente, devem ser baratos e ao alcance da mão, para serem renovados constantemente.

V—O material deve ser cuidadosamente classificado e etiquetado.

VI—Uma collecção de postaes ou de gravuras é um excellente material para o museu.

VII—Os quadros scientificos devem ter funcção secundaria, no ensino scientifico, que deve ser ministrado mediante coisas e experiencias.

VIII—O museu é um instrumento de trabalho e não um repositorio de coisas extravagantes, para deslumbramento dos olhos e pouco proveito para as creanças.

# O ENSINO DA LINGUA

O maior dos erros que os nossos mestres têm commettido no ensino da lingua é o de restringirem os exercicios somente a exercicios escriptos. Orthográpha acertadamente? Compõe uma phrase grammaticalmente perfeita? O verbo concorda com o substantivo? O pronome está bem collocado? Conjuga bem os verbos irregulares? Divide as orações? Pega o sujeito por mais occulto que esteja? Logo, conhece bem a lingua, aprendeu tudo quanto pode caber dentro da aula primaria e pode passar nos exames, socegadamente...

Ora, comprehende-se perfeitamente que os alumnos mais estudam a lingua, para falal-a, do que para escrevel-a, porque as opportunidades de falar são muito mais numerosas do que as de escrever. Por outro lado, o ensino da linguagem oral, por ser mais natural, faz-se com mais facilidade e, evidentemente, o esforço em falar direito a lingua auxilia grandemente o aprendizado da linguagem escripta. Não ha nenhuma incompatibilidade entre uma e outra. Pelo contrarto: é pela linguagem oral que o alumno mais se desenvolve.

O que os bons professores recommendam vivamente é que se abram, na escola, opportunidades frequentes e numerosas para as creanças exprimirem claramente os seus pensamentos. Deve-se a todo momento provocar-lhes a livre manifestação de seus pensamentos, interrogando-as sobre tudo, pedindo-lhes a opinião, suscitando discussões entre ellas, conversando com ellas longamente sobre assumptos que as interessem. Só assim é que farão uso da lingua e aprenderão a pensar sobre as coisas e emittir claramente as suas opiniões, defendendo-as com coragem, explicando-as com firmeza.

## EXPEDIENTES EM USO

Para que as creanças falem e discutam em classe, teem os professores das bôas escolas recorrido com frequencia a expedientes interessantes e ao alcance de todos, que podem ser fecundamente postos em pratica, em nossas escolas.

Entre esses expedientes, sobresaem as enumerações, a explicação de gravuras, observações e opiniões sobre as va-

rias disciplinas do curso, resumo de paginas lidas, relatorios de excursões e de experiencias, discussões sobre as leituras, reproducções de narrativas.

## ENUMERAÇÃO

Nada mais facil do que fazer com que os alumnos enumerem os objectos que lhes estão em torno, que teem em casa, que veem numa igreja ou numa officina, que encontram através de suas excursões. De começo, a enumeração simples dos objectos da sala de aula, os nomes das partes do corpo humano, os objectos de uma cosinha, o conteudo de uma carteira. Depois pode-se pedir que se junte a cada objecto um adjectivo adequado. Afinal, pode-se pedir a respeito de cada objecto uma sentença. Assim: carteira, quadro negro, regua, mappa, tinteiro...; depois: carteira envernizada, pequeno quadro negro, regua metallica, tinteiro ordinario...; e afinal: estas carteiras são antigas; ha aqui vinte carteiras; uma carteira está estragada...

São evidentes as vantagens educativas da enumeração: ensina a observar, faz recolher com mais cuidado as impressões do mundo exterior, apresenta ensejo de ampliar de muito o vocabulario e é excellente exercicio de prosodia, exigindo-se, como se deve, a pronuncia detida e nitida de todas as palavras.

## A EXPLICAÇÃO DE GRAVURAS

A explicação de gravuras foi posta em moda apaixonadamente por Pestalozzi, que importunava os seus alumnos com um interrogatorio prolongado, impertinente e minucioso sobre todas as particularidades dos objectos.

Uma simples gravura, sobretudo quando ha nella personagens, pode prestar-se a esse exercicio. As creanças gostam muito de gravuras e folgam de dar explicações á scena representada, dando as interpretações mais diversas. Pois o bom professor não deve embaraçar a loquacidade das creanças. Deve deixal-as falar, abundantemente, não as perturbando com corrigendas a toda hora, mas reparando nos defeitos e erros, para corrigil-os depois.

O que se quer, sobretudo, com taes exercicios, é que as creanças falem, certo ou errado, mas falem. O professor é que deve ficar calado, as mais das vezes, mostrando-se vivamente interessado pelo que ellas lhe falam e escutando com cuidado.

Poderá, finalmente, dar a sua opinião sobre a gravura, procurando usar as expressões infantis, timbrando em usal-as acertadamente, mas repisando nas fórmas certas das palavras e das phrases, para que as creanças por si percebam os seus erros e por si mesmas se corrijam.

Como todas as creanças teem o desejo de falar, o professor fará com que falem, uma por uma, acompanhando todas a exposição de cada uma e interrompendo-as para contestar ou concordar, com toda a liberdade.

## EM OUTRAS DISCIPLINAS

Em todas as outras disciplinas, teem as creanças numerosas occasiões de falar. Deve o professor esforçar-se em que ellas falem com acerto. Entre essas disciplinas, distinguem-se as lições de coisas, em que se pode applicar o mesmo processo das gravuras e com maior vantagem. Um objecto, considerado sob os varios aspectos de côr, forma, dimensões, materia, utilidade e comparado com outros, assignalando-se-lhes as semelhanças e as differenças—ministra occasião para excellente exercicio de linguagem.

## LEITURA

A pagina do dia, bem lida e bem meditada, deve ser objecto de discussão dos alumnos, que a analysarão sob todos os seus aspectos, quer quanto ao vocabulario, quer quanto á belleza, quer quanto á verdade e ao acerto de seus conceitos.

## RESUMOS, REPRODUCÇÕES, RELATORIOS

Lida uma pagina, o mestre pedirá aos alumnos que a resumam. Exige-lhes grande esforço de attenção. O mesmo se dá quanto ás reproducções de narrativas, que teem sobre os resumos a vantagem de interessar mais os alumnos e de se prestarem mais ao commentario e ás discussões, porque a narração é, por mais accessivel ás creanças, ordinariamente mais bem comprehendida. Por derradeiro, deixámos os relatorios, que são os melhores exercicios de linguagem, quer oral, quer escripta. Os alumnos, através de uma excursão ou assistindo a uma experiencia, observam, com cuidado, tudo o que veem, recolhem factos, noticias, impressões, registram num caderno tal particularidade mais interessante e, depois de recolhido esse material concreto, passam a dar-lhe expres-

são, primeiro, relatando aos companheiros que lhes rectificam e augmentam as observações, e, afinal, escrevendo um verdadeiro relatorio, que constitue a melhor das composições.

## ALGUMAS RECOMMENDAÇÕES

O professor deve provocar, animar e alimentar a tagarelagem de seus alumnos. Habitual-os a expôr, com facilidade e correcção, os seus pensamentos e os seus sentimentos.

Para isso, deve mudar inteiramente os costumes da casa: se antigamente, no silencio geral, só se ouvia a voz do mestre, agora o mestre é que fica a maior parte do tempo quieto e os alumnos é que falam. Deve applaudir as respostas completas, animar os timidos, banir as respostas monosyllabicas. Observar attentamente, expôr as idéas com ordem e exprimil-as facilmente e com acerto — primeiro de bocca e segundo pela escripta—eis no que deve consistir um bom ensino de linguagem.

# A POMBA RUIVA

*Este é o quarto capitulo do livro* Les petits Fabre de Portomaggiore, *a que nos referimos no trabalho* Diario, *deste numero.*

Entre todos os animaes da escola, ha um que, durante tres annos, é lembrado nos diarios—reveladores da vida dos nossos pequeninos:—é a pomba ruiva.

Quiz ter o prazer de extrair de todos os diarios uma especie de biographia, reunindo algumas paginas, da primeira á terceira classe. Ver-se-á, pelo menos, como essas notações confirmam o que propõe uma de minhas discipulas, mulher das mais notaveis, em um estudo sobre «*as creanças e os animaes*»:

«Onde achar um centro de interesse mais vivo e mais rico: o animal como objecto de observação? Não pode elle por si proprio animar um mundo de imagens, suscitar a curiosidade scientifica, revelar formas de vida, fazer bater o coração de sympathia e de affecto? E, comtudo, o animal, outrora companheiro de jogos ou de trabalho, é hoje exilado da escola e mais ainda o era ha pouco tempo. Pois bem: demos á escola novas gaiolas e viveiros, deixemos que a creança fale de seu animal, aquelle que se lhe confia ou que prefere... e veremos brilhar a vida e manifestar-se a sympathia—amorosa e solicita—por esta vida animal, por vezes mesmo fonte de poesia». (Elda Manzoni; *As creanças e os animaes*).

*1920.—11 de abril.* «Na sala de entrada, dois pombos fazem o seu ninho. Uma pomba ruiva e um pombo preto. E' elle quem traz os raminhos.»

*16 de abril.* «O ninho está acabado».

*17 de abril.* «Hontem a pomba ruiva botou um ovo».

*7 de maio.* «Esta tarde nasceu um pombinho da pomba ruiva.»

*25 de maio.* «O pequeno pombo da «Ruiva» cresceu e começa a caminhar na sala. Os pombos (os grandes) acostumam-se a comer em nossas mãos».

*1 de junho.* «O pombinho da «Ruiva» passeia na sala e mesmo fóra».

*9 de junho.* «O pombinho da «Ruiva» morreu subitamente».

*24 de junho.* «Ruiva» procura um lugar onde possa fazer de novo o seu ninho.

*12 de julho.* «A pombinha ruiva fez seu ninho debaixo da escada do selleiro».

*26 de junho.* «Esta manhã, «Ruiva» voava por cima de nossas cabeças pendidas sobre os nossos cadernos».

*1921. 25 de fevereiro.* Elvezia: «Hoje, emquanto nós comiamos, a pomba ruiva e duas de suas companheiras brancas entraram pela janella e andaram pilhando as migalhas que haviamos posto no soalho».

«Esta «Ruiva» garota voou sobre a cesta de pão, mas a cesta virou e ella voou mais longe».

Até aqui nada de especial. Não se trata no fundo senão de uma serie de exercicios sobre assumptos concretos,—antidoto ao velho mal da rhetorica de que soffre o nosso povo. Mas qual a porção de vida interior que suscita em seus coraçãosinhos—é o que se pode deprehender nestas duas lindas paginasinhas de Arius:

*1922. 11 de janeiro.* «A pombinha ruiva desappareceu ha dois dias, talvez um caçador a matasse. Esta noite sonhei que a pombinha ruiva voava por cima de minha cabeça, que alegria de a ver ainda!»

*14 de janeiro.* «Outra noite, sonhei que iamos ao campo e tomavamos sol. Os pombos voavam por cima de nós e iam pousar em um campo de trigo, entre elles achava-se nossa querida pombinha ruiva que nunca mais voltou para casa».

E' agora o momento de ler a essas creanças o conto maravilhoso do pombo no grande poema para as creanças, *Les animaux héros*, de Thomas Leton.

LOMBARDO-RADICE.

# OS NOSSOS CONCURSOS

A "Revista do Ensino" abriu, em tempo, tres concursos novos, entre os professores publicos primarios de Minas, offerecendo premios aos auctores dos melhores trabalhos apresentados.

Os themas em torno dos quaes giraram esses concursos eram os seguintes:

1.º—Como suscitaes em vossos alumnos o amor á leitura? (Premios aos auctores das duas melhores respostas).

2º—Ha um meio melhor do que o antigo caderno de trabalhos mensaes, que nos permitta verificar o esforço do mestre e a evolução do alumno? Qual e como organizal-o? (Premios aos auctores das duas melhores respostas).

3.º—Aulas-modelo sobre qualquer ponto das disciplinas do programma primario. (Premios aos auctores dos tres melhores trabalhos)

Até 30 de janeiro, prazo marcado para o encerramento, enviaram trabalhos os seguintes professores:

1º concurso—Maria de Lourdes Lima, Barbacena; Marianna Ernestina Corrêa, Passos; Marieta de Araujo, Palmyra; Rosa Barilo, Cambuquira; Catharina Silveira, Japão; Clarice Soares, Ponte Nova; J ventina Drummond Fonseca, (Alvinopolis:) Maria de Barros Leite, Caeté; Rita dos Santos, Araxá; Joaquim Homem da Costa, Palmyra; Amadeu Giannini, Dourado; Romeu Venturelli, Christina; Cifra Lacerda, Carangola; Abigail Josephina Vieira, Pedra de Queluz; Amelia Monteiro, Pompéo; Ivone Guimarães, Pitanguy; Maria da Conceição M Siqueira, Jacutinga; Waldemar Prado, Carmo do Rio Claro; Gabriella A. Neves; Maria José Leite Corrêa, Alfenas; Josephina Augusta dos Santos, Santo Antonio do Rio Abaixo; Elza Ferraz Koeler, Sant'Anna de Capivary (Pouso Alto); Amasiles Geral na da Costa Ribeiro, Japão; Maria da Gloria d'Avila, Itabirito; Francisco Letro Silva Castro, Antonio Dias; Irene C Breyer, Bicas; Djanira de Magalhães Pacheco, Santa Izabel; Regino Lima, Ipiranga; Maria Moreira da Costa, Santa Quiteria

2º concurso—Amadeu Giannini; Sylveria Homem da Costa, Palmyra; Catharina Silveira, Regino Lima; Maria de Lourdes Teixeira, Divinopolis; Djanira de Magalhães Pacheco; Maria Moreira Leite, Santo Antonio do Grama (Rio Casca); Marieta de Araujo, Maria da Gloria Ferreira da Silva, Palmyra; Josephina Augusta dos Santos, Maria José Leite Corrêa, Alfenas; Waldemar Prado; Maria de Lourdes Lima, Cifra Lacerda; Joaquim Homem da Costa, Francisco Letro Silva Castro, Marianna Ernestina Corrêa, Maria de Barros Leite, Abigail Josephina Vieira.

3º concurso—Maria da Conceição M. Siqueira; Abigail Josephina Vieira; Sylveria Homem da Costa; Amelia Monteiro; Joventina Drummond; Maria da Gloria Ferreira da Silva; Romeu Venturelli; Amadeu Giannini; Anna Lima de Jesus Araujo, Mesquita; Francisco Ribeiro de Anchieta, Andradas; José Alipio Braga, Bom Jesus da Cachoeira Alegre (Muriahé); Regino Lima; Djanira de Magalhães Pacheco; Maria de Barros Leite; Mariana Ernestina Corrêa; Marieta de Araujo; Anna Josephina de Noronha, Tres Corações; Jeanne Alice Mayer de Andrade, Caxambu'; Maria de Lourdes Lima; Rita dos Santos; Maria José Leite Corrêa; João de Abreu Sampaio, Tres Pontas; Francisco Letro Silva Castro; e uma sem assignatura.

Examinadas cuidadosamente todas as contribuições acima referidas, muitas dellas de grande valor, a commissão julgadora resolveu conceder os seguintes premios:

1º concurso—1º logar, d. Maria da Gloria d'Avila, professora do grupo escolar de Itabirito. 2º logar, d. Catharina Silveira, directora do grupo escolar de Japão (municipio de Oliveira).

2º concurso—1º logar d. Maria da Gloria Ferreira da Silva, professora do grupo escolar de Palmyra; 2º logar, Waldemar Prado, director do grupo escolar de Carmo do Rio Claro.

3º concurso—1º logar, Francisco Ribeiro de Anchieta, professor da escola nocturna de Andradas; 2º logar, d. Maria José Leite Corrêa, professora da escola nocturna feminina de Alfenas; 3º logar, Francisco Letro Silva Castro, director do grupo escolar de Antonio Dias.

Os trabalhos contemplados por essa classificação, bem como os que se seguem em merecimento, serão estampados na "Revista do Ensino".

## NOVOS CONCURSOS

A direcção deste mensario agradece a todos os distinctos e esforçados professores que accorreram ao seu appello, enviando trabalhos aos tres concursos julgados e, com os mesmos propositos que a vêm inspirando, resolve abrir tres novos certames. São os seguintes:

1.°—Que meios empregaes em vossa classe para que as creanças falem adundantemente e aprendam assim a expor com clareza e desembaraço os seus pensamentos? (Premios aos auctores das duas melhores respostas.)

2.°—Que pensaes do professor que occupa os alumnos no arranjo da classe; que lhes confia commissões fóra da escola, como, por exemplo, fazer compras, dar recados; que os incumbe de certas funcções, como zelar sobre os collegas menores, manter em ordem o quadro negro e seus pertences, etc ? (Premios aos auctores dos dois melhores trabalhos.)

3.°—Aulas modelo sobre qualquer ponto das disciplinas do programma primario. (Premios aos auctores das tres melhores aulas).

Os trabalhos devem ser vasados em linguagem simples, sem digressões puramente eruditas, e abordar os differentes assumptos da maneira mais positiva possivel. Serão enviados á direcção da "Revista do Ensino", Secretaria do Interior, Bello Horizonte, e recebidos até o dia 10 de abril proximo.

---

## SORTEIO ENTRE OS CONCORRENTES

A direcção da "Revista do Ensino" resolveu, ainda, sortear vinte premios constantes de lotes de livros pedagogicos de valor, entre os professores publicos primarios do Estado, que disputarem todos os concursos por ella instituidos, a começar dos tres ora annunciados e a terminar em 31 de julho de 1930.

---

## TRABALHOS PREMIADOS

### Amor á leitura

*Como suscitaes em vossos alumnos o amor á leitura?*

Outr'ora, quando os processos mecanicos e rotineiros imperavam na escola, as creanças aborreciam, de modo geral,

a leitura. Terminado o periodo escolar, jamais se lembravam de ler. Hoje, porém, que a instrucção primaria tem sido tratada com especial carinho pelos dirigentes do nosso Estado e que o professorado em peso se empenha no execução da reforma dos processos pedagogicos, já vamos encontrando meios para sanar aquella lamentavel falta.

Para suscitar o amor da leitura em nossos alumnos, é mister que lhes façamos sentir a necessidade da mesma, a partir dos primeiros dias de aula. Comecemos pela representação do livro adoptado, que deve ser revestido de alguma solemnidade. Desde esse primeiro passo, a habilidade do professor já pode lançar no espirito dos alumnos a semente do enthusiasmo pela leitura.

As primeiras lições devem constar de historias curtas, que serão lidas primeiramente pela professora e em seguida dramatizadas. Feita a lição, é passada no quadro negro. Os meninos gostam de historias e terão curiosidade de ler aquellas já lidas e dramatizadas. Certamente, depois de tres ou quatro lições, sem mesmo haver aprendido as palavras, a creança sentir-se-á cansada; antes, porém, que este cansaço se converta em aborrecimento pela leitura, passemos aos jogos educativos.

Organizemos varios jogos com applicação das mesmas sentenças; depois, com as palavras e finalmente com as syllabas. Façamos com que toda a classe trabalhe com interesse. Para isso, graduemos as difficuldades, de accordo com o desenvolvimento e capacidade de trabalho dos alumnos, que devem ser divididos em varios grupos. Para os mais intelligentes —jogos mais difficeis; para os de menor desenvolvimento— jogos mais simples, para que todos alcancem successo. Para tomar parte no jogo, para competir com companheiros e alcançar uma victoria, a creança sentirá vivo interesse pela aprendizagem da leitura, porque apparece a necessidade da mesma.

A creança é excessivamente curiosa. Aproveitemos ainda essa actividade innata, para suscitar o amor da leitura: a) com a apresentação de gravuras; b) com a organização de avisos e annuncios; c) com a publicação de jornaes infantis.

A)—Vendo uma gravura suggestiva, que apresente scenas reaes da vida infantil, a creança quer interpretal-a. A professora apresentará varias gravuras acompanhadas de fichas descriptivas. A creança é rica de imaginação, porém pobre de expressão; encontrando auxilio nas fichas, sentir-se-á encorajada para vencer as difficuldades que se lhe antolham.

B)—A professora não dará avisos oraes, e sim por meio de cartazes, que serão collocados á vista de toda a classe. Percebendo a utilidade dos avisos, os alumnos sentir-se-ão enthusiasmados e desejosos de decifral-os.

C)—As occorrencias em classe, os successos nos jogos, nas aulas e no recreio, as excursões, programmas de festas e sessões de auditorium, e outras noticias agradaveis, offerecem materia para publicação de jornaes infantis, cuja leitura será feita com grande enthusiasmo pela classe. Para o 3.° e 4.° anno, o jornal infantil terá ainda maior valor porque, alem do progresso e amor da leitura, desenvolve nos alumnos o espirito de observação, iniciativa, collaboração, e ha um continuo exercicio de redacção, pois todo o trabalho será feito pelos proprios alumnos, sob a discreta orientação da professora. Julgo de igual valor a designação de alumnos para a leitura de composições infantis e trechos de litteratura, nas sessões de auditorium.

O que fica exposto muito auxilia a aprendizagem da leitura, mas, para suscitar o amor dos livros, amor que o alumno levará para o seio da familia e da sociedade e que concorrerá para a sua formação intellectual, é indispensavel a fundação de bibliothecas infantis, devendo presidir á organização destas o maximo cuidado e criterio, adquirindo-se obras de real proveito e utilidade, de tal maneira que o amor da leitura não degenere em simples passa-tempo.

Serão fixadas horas para a leitura recreativa e de informações. E' nesta segunda phase, sobretudo, que o alumno começa a comprehender o grande valor da leitura, pois curioso como sóe ser, e encontrando explicações claras no mestre dos mestres, que é o livro,—sentir-se-á enthusiasmado e habituar-se-á ao seu manejo e convivio constantes.

Do gosto, habilidade e iniciativa da professora em organizar jogos, escolher gravuras, apresentar cartazes, avisos, annuncios, jornaes, em promover a fundação de clubs, bibliothecas, centro de interesses, tudo de molde a fazer com que o alumno sinta a necessidade da leitura—depende o resultado desejado.

MARIA DA GLORIA D'AVILA.

---

E' logo ás primeiras aulas que a professora cuidadosa inicia a tarefa de suscitar em seus alumnos o amor da leitura.

Para isso, toma em suas mãos o livro adoptado e diz:

—Reparem como é bonito o livro em que vocês vão aprender a ler. Vejam que gravura engraçadinha aqui na capa. E

ha aqui (folheando) muitas historias, muita coisa boa e diversas figuras.

Depois que a classe reparou bastante e deu a sua opinião sobre o livro, continúa a professora:

— E todo aquelle que prestar muita attenção ás lições que eu escrever no quadro negro, dentro de poucos mezes, ganhará um livro igual a este e saberá lêr.

Quem quer aprender a lêr?

Certamente todos responderão affirmativamente.

— Vocês vão agora ajudar-me a organizar a nossa primeira lição, e eu a escreverei no quadro negro.

Por meio de perguntas, a professora conversará com a classe e reproduzirá a primeira e a segunda sentença da lição, no quadro negro, em letra clara e legivel.

A leitura principiará sempre por uma conversa interessante e attraente e jamais será feita sem o concurso precioso dos alumnos.

A professora fará primeiro a leitura e convidará a classe a imital-a, não poupando elogios ao leitor que melhor recitar a lição

A entrega dos livros far-se-á sempre com solemnidade e constituirá um dia de alegria na classe.

E' desde as primeiras lições que começa a interpretação, por meio de perguntas muito claras, sobre a significação das palavras mais simples e communs á linguagem materna.

Fique certa a professora de que o desamor do alumno á leitura é quasi sempre occasionado pela falta de comprehensão O alumno não pode ter interesse, nem apreciar aquillo que elle é incapaz de comprehender e resumir.

Ao fim do 1º anno, o alumno tem verdadeiro interesse pela leitura: Lê, a principio, por curiosidade, e depois por habito.

No 2º anno, a professora intelligente saberá fazer uma apresentação precisa e attraente do novo livro que a classe vae ter e, assim, esta o receberá com interesse e prazer.

Como no 1.º anno, a professora lerá em primeiro logar, explicando e resumindo devidamente a lição, que será curta. Em seguida, falará:

— Darei 10 ao alumno que fizer uma boa leitura e que souber resumil-a.

Arguirá o maior numero de creanças e as fará observar as palavras de orthographia especial, dar os cognatos das mesmas, etc.

Tirará da bibliotheca infantil livros de historietas e contos e recommendará:

—Quem quer, esta semana, levar para casa um livro destes e ler uma historia bonita para nos contar?

Distribuirá quatro ou cinco livros com os alumnos que primeiro se apresentarem, dizendo aos outros:

—Vocês não fiquem aborrecidos, porque hão de ler tambem e mostrar o que aprenderem.

Assim continuará, dando revistas, livros, folhetos, etc.

Para variar os exercicios, chamará um alumno para ler, á frente da classe, um conto ou uma historia.

Outro trará de casa um livro em que haja qualquer ensinamento sobre o centro de interesse das lições do dia. Outros recitarão, no auditorium, as ultimas poesias do livro da classe. Outro lerá um exercicio de lingua materna.

— No 3º e 4º anno, o alumno está habituado a ler e a resumir. Revistas, jornaes e livros de Club de Leitura serão manuseados não só á hora da leitura, como ás quintas-feiras e sempre que o alumno desejar ou precisar.

A professora exigirá então que um delles traga de casa um jornal em que tenha lido uma noticia proveitosa; que um segundo resuma a historia que lhe foi marcada; que outros obtenham na bibliotheca informações sobre taes e taes lições, e outros consultem o diccionario.

Serão escolhidos para fazer no auditorium a leitura de exercicios escriptos, os alumnos que apresentarem trabalho melhor; para declamar versos, os que lerem com mais expressão. Um será sorteado para ler a biographia de um dos grandes vultos da nossa patria, etc.

Sobre as lições das diversas disciplinas e para esclarecer duvidas, recorrer-se-á á collecção da bibliotheca, e a professora aproveitará o ensejo para mostrar as vantagens de possuir o alumno bons livros, e os proveitos que advêm da boa leitura.

Recordará o nome de um dos ex-alumnos do Grupo que, amante dos livros e frequentador assiduo da bibliotheca, logrou, sosinho, alargar os seus conhecimentos, augmentar a sua cultura e, hoje, gosa de uma posição elevada.

Dir-lhes-á que os grandes sabios, os grandes pensadores e literatos, ás mais das vezes se despojam de tudo para adquirir bons livros, aos quaes consideram como verdadeiras preciosidades.

Para dar maior impulso á leitura, a professora fundará um jornalzinho escolar, que terá a collaboração da classe, publicando no primeiro numero, com o concurso de todos, o artigo de fundo: «Vantagens da boa leitura».

Convencel-os-á de que ninguem poderá escrever bem e falar com precisão e elegancia, sem o auxilio de uma vasta e variada leitura.

Não se esquecerá finalmente de falar sobre as desvantagens e perigos que os maios livros constituem despertando nos alumnos a aversão a tudo quanto puder manchar-lhes a consciencia e perverter-lhes o coração.

CATHARINA SILVEIRA

---

O esforço do mestre e a evolução do alumno

*Ha um meio melhor do que o antigo caderno de trabalhos mensaes, que nos permitta verificar o esforço do mestre e a evolução do alumno? Qual e como organizal-o?*

A «escola activa» facilita o trabalho do mestre, obrigando-o a cultivar o espirito, levando-o a reflectir sobre *o que tem a fazer*: desperta no alumno, simples espectador até então, o desejo e a necessidade de collaborar com o seu mestre, para que ambos, no fim de uma lição, experimentem a *satisfacção* que lhes veio do *enthusiasmo* com que se *interessaram* pelo trabalho. Sendo a escola de hoje «aquella onde se aprende pela experiencia do trabalho», aquella em que sobre uma lição desenvolvida com methodo, podem ser feitos diversos trabalhos e realizações multiplas, facil é afastar o caderno de provas mensaes, sem prejuizo da verificação do esforço do mestre e da evolução do educando, através das diversas observações, associações e realizações a que hajam dado motivo as varias lições do mez.

Estas realizações, aproveitadas no momento em que a creança trabalha com interesse, constituirão documentação variada, que permittirá acompanhar o trabalho da classe e ajuizar da efficiencia do mesmo.

Dentre os exercicios feitos, serão escolhidos os que representarem maior esforço de cada alumno, relativamente ao estudo mensal e sobre cada materia, com os quaes se formará um archivo muito interessante, pela complexidade que apresentará.

MARIA DA GLORIA FERREIRA DA SILVA

O antigo caderno de trabalhos mensaes ou, simplesmente, a prova mensal, é ainda o melhor meio que nos permitte verificar o esforço do mestre e a evolução do alumno, mas não é ainda o meio ideal e parece-me urgir a organização de um melhor e mais efficiencia. Porque? Porque as provas mensaes trazem em si graves e prejudiciaes erros, que, infelizmente, vão ser confessados na resposta desta these.

O esforço do mestre e a evolução do alumno não se julgam na simples passagem de um trecho ou de uma descripção ou de um dictado para uma folha de papel almasso, ou ainda na resolução de certas questões mathematicas. O processo das provas mensaes (como são feitas ainda hoje) e o methodo de exames finaes, em nada provam o esforço do mestre e a evolução do alumno.

E' bastante dura a verdade que vou escrever, mas a ninguem posso permittir desmentil-a, quanto aos exames e provas: é que estes são ainda feitos e usados nas escolas unica e exclusivamente pela falta de confiança que certos professores deixam de infundir aos directores, e estes aos regionaes. *Confido illum fore in officio*, dizia Cicero. As provas mensaes têm os seguintes defeitos:

1.º Em nada provam o esforço do mestre, que pode escolher para esses dias pontos *treinados* em muitas aulas, desprezando os restantes, tambem do programma.

2.º Não nos permittem avaliar a evolução do alumno, pois este costuma copiar dos collegas, longe da vigilancia do mestre, como, por exemplo, em classes numerosas.

3.º São inuteis as fiscalizações do director, que é um só para um grupo de muitissimas classes.

Como resolver então, o problema?

Introduzindo-se de vez, na escola, o processo de testes intellectuaes mensaes, que bem organizados dariam os melhores resultados ou então, no fim do mez, fazendo a professora com que se realizem essas provas em outra classe, da mesma categoria da que rege.

No primeiro caso, que seria ideal, a professora organizaria testes apropriados das materias e pontos dados, por meio de perguntas, signaes, griphos, numeros ou outro processo de expressão de forma que pudesse julgar com acerto a evolução propriamente dita do alumno, e o director fizesse o mesmo com o esforço da professora.

No segundo caso, tambem razoavel e applicavel, os alumnos se acostumariam com outros mestres, perdendo o medo da presença de extranhos, e a professora saberia julgar imparcialmente, segundo o criterio individual, do preparo da classe de sua collega.

Ha classes em que alumnos, repetindo a mesma prova mezes depois, praticam os mesmos erros. A que attribuir? Ao não esforço do mestre? Nem sempre o atrazo dos alumnos vem do pouco esforço do mestre, o que nos faz crer que todos devem ser *testados* nos primeiros dias do anno lectivo, separando-se os retardados dos normaes e super-normaes. Se o teste serve, como querem os adeptos desse processo pedagogico, para classificar com relativa segurança o gráo intellectual da criança, porque não haveremos de nos valer do mesmo teste, para verificarmos a evolução infantil? O teste, concorrendo para a classificação, essencia e base de uma aula, *ipso facto* concorrerá para a apuração mathematica e imparcial da evolução do alumno.

O meio melhor é, pois, o dos testes, e é de se esperar para breve que o nosso professorado cuide de organizar esses processos, divulgando-os e com isso fazendo justiça na escola. Abandonar-se-á então, de vez, o antigo e ainda applicado meio das provas mensaes viciadas.

WALDEMAR PRADO

---

## AULAS - MODELO

### Fracções

(*Aula de arithmetica para o curso primario*)

Professora — Meus alumnos, eis aqui um pudim. Herminia vae cortal-o muito certinho, pelo meio. Muito bem. Agora, Luiza, diga-me, em quantos pedaços está dividido o pudim?

Luiza — Em dois pedaços.

P. — Iguaes ou desiguaes?

L. — Iguaes.

P. — Si está dividido em duas partes iguaes, como se chama cada uma dellas, Josepha?

Josepha — Cada uma dessas partes é *uma metade*.

P. — *Metade* tem outro nome, Antonio?

Antonio — Sim. Cada *metade* é *um meio*.

P. — Então Paulo, quantos *meios* ou *metades* tem o pudim?

Paulo — Duas *metades* ou dois *meios*.

P. — Bem. Maria vae dividir cada uma dessas metades em duas partes iguaes. Quantas temos agora, Thereza?

Thereza — Quatro partes iguaes.

P. — Como se chamam, Pedro?

Pedro — Cada uma dessas partes é *um quarto* do pudim. Elle, inteiro, tem *quatro quartos*.

P. — Qual é maior, Eugenia? *Um meio* ou *um quarto* do pudim?

Eugenia — *Um meio* é maior porque vale *dois quartos*.

P. — Bem. Julieta vae dividir, pelo meio, cada um desses *quartos*. Quantas partes temos agora, Lucia?

Lucia — Oito. Cada uma dellas é a oitava parte e se chama *um oitavo*. O pudim, inteiro, tem *oito oitavos*.

P. — Qual é menor, *um oitavo* ou *um quarto*?

Francisco — *Um oitavo* é menor porque precisamos de *dois oitavos* para formar *um quarto*.

P. — De modo que, á proporção que vamos subdividindo o pudim, augmentamos o numero de pedaços e diminuimos-lhes o tamanho. O pudim continua o mesmo. E' uma *unidade* ou *um inteiro*. São os pedaços que mudam de tamanho e nome, conforme o numero delles. Si, por exemplo, estivesse dividido em tres partes, como estas se chamarian, Sebastião?

Sebastião — Um terço, cada uma dellas, e seriam necessarios *tres terços* para formar o pudim inteiro.

P. — E si estivesse dividido em cinco partes, Joanna?

Joanna — Cada uma dellas seria a quinta parte e seriam necessarios *cinco quintos* para formar o *todo* ou *inteiro*.

P. — E si fossem sete, as partes, Felisberto?

Felisberto — Cada uma seria a setima parte ou *um setimo*, sendo o *todo* ou *inteiro*, igual a *sete setimos*.

Prof. — Si fossem nove ou dez, Maria?

Maria — Precisariamos de *nove nonos* ou *dez decimos* para formarmos o *inteiro* ou *unidade*.

Prof. — Agora, meus meninos, tomem sentido: — Quando dividimos ou *fraccionamos* qualquer coisa, em partes iguaes, essas partes chamam-se *fracções* ou quebrados. Assim, *um meio*, *um terço*, *dois terços*, *tres quartos*, etc., são *fracções*.

*Fracção ou quebrado é, pois, uma ou mais partes iguaes de uma unidade* Na proxima lição veremos como se escrevem as fracções. Por hoje, basta que saboreiem este pudim, que Maria irá distribuir com todos os collegas, em partes iguaes...

FRANCISCO RIBEIRO DE ANCHIETA

---

## Uma excursão

### *Aula-modelo generalizada ás differentes disciplinas do programma primario*

Dando cumprimento a um preceito regulamentar, a professora da escola rural de Porangy emprehendeu uma excursão campestre com seus alunnos de 3°. anno, em maio de 1929.

Seguiam pela linha ferrea da Rêde Sul Mineira e, ao atravessarem uma ponte sobre um ribeirão, a professora formulou a seguinte hypothese:

—Si um de vós, meninos, estivesse a meio desta ponte e surgisse na curva proxima uma locomotiva, que deveria fazer ?

—Eu me atiraria ao ribeirão e salvar-me-ia nadando, respondeu, promptamente, Antonio.

—Pois eu, atalhou Pedrinho, como não sei nadar, permaneceria seguro pelas mãos ou pelas *curvas* ás barras ferreas, inferiores, da ponte, até que o "trem de ferro" passasse.

— Muito bem! Qualquer desses meios seria exequivel e de exito feliz, comtanto que vos mantivesseis com calma e agisseis com firmeza e decisão prompta, pois que a hesitação é mui prejudicial em face do perigo imminente, ponderou a professora.

Ao defrontar uma varzea, aproveitando o ensejo para transmittir a seus alumnos ligeiros conhecimentos de agricultura, a professora inquire:

— Que especie de terreno é este, meus alunnos ?

— E' um brejo, responde um delles.

— Sim, é um brejo, ou melhor, uma vargem, isto é, um terreno baixo e alagadiço. Podes dizer-me a que cultura se presta este terreno, Joaquim ?

— A' do feijão.

— A' do arroz, protestaram outros.

— E' apropriado ao cultivo do arroz. Para o plantio do feijão já não se presta, Joaquim, por isso que a excessiva humidade contida no solo impede a germinação da semente, apodrecendo-a. Mas póde-se plantar o arroz neste terreno, tal como se acha ?

— Não, Sra., é precizo esgotal-o antes, acode um pequeno já afeito á agricultura.

— Tens razão, Mario; cumpre proceder-se, primeiramente, á drenagem do terreno, quero dizer — esgotar o brejo, extrahir-lhe a agua que tenha em excesso, por meio de canaes ou vallas, em sentidos diversos. Em seguida, faz-se um preparo prévio da terra, afim de tornal-a mais porosa e permeavel e semeiam-se, então, de quinze a vinte grãos em cada cova, com intersticios de cerca de 0,m30 centimetros. Pois bem, prosigamos a nossa excursão. Deixemos a linha ferrea e atravessemos este ribeiro proximo, afim de alcançarmos o alto daquella collina. Que denominação poderemos dar ainda á collina, hein, Nair ?

— A de serro, serrote ou outeiro. A seu ponto mais elevado dá-se o nome de pico, ou de cume, e aos lados, o de ladeira.

— Até que emfim, eis-nos na esplanada do outeiro. Meninos, sentemo-nos á sombra protectora destas arvores, afim de repousarmos da caminhada, e observemos a belleza do panorama.

—Vêde acolá, a fazenda do sr. A., com uma confortavel casa de residencia; observae as pittorescas casinhas para colonos; os curraes bem cercados, com galpões onde os empregados ordenham as vaccas...

—Que applicação dá o fazendeiro a esse leite, Manoel?

— Esse leite é desnatado, diariamente, sendo fornecido o creme á fabrica de manteiga, e o leite dado aos porcos da seva.

—Considerae, pois, meninos, quantos beneficios nos prestam as vaccas. De seu leite — obtemos a manteiga, o queijo, a coalhada, o requeijão, os cremes, doces e tantas outras iguarias, para cuja confecção é o leite indispensavel. Fornece-nos a caseina, de que se fabricam botões; o couro, empregado em varios artefactos, e a carne, que constitue um poderoso alimento para o homem, tambem são productos oriundos de tão uteis animaes.

—Vêde ainda a pastagem de capim gordura repleta de bois, que ruminam a herva comida pela manhã.

— O boi é tambem um animal ruminante, d. Lili?

— Sim, o boi, o carneiro, o camelo são ruminantes; e para isso possuem o estomago dividido em quatro partes-pança ou rumen, barrete, folhoso e coagulador. Que sabes mais a respeito do boi, Celia?

—Sei que é mammifero e vertebrado.

—E' tambem cornigero, por possuir cornos; herbivoro, por alimentar-se de hervas. E' muito util ao homem, pois que o auxilia enormemente no transporte de productos da lavoura, para tocar engenhos, etc.

—Que figura geometrica fórma aquelle cannavial, ao lado da fazenda, José?

—A de um triangulo... rectangulo.

—Si tivesses de compral-o á razão de 20$000 o metro quadrado, que farias então?

—Primeiramente, avaliaria a sua área, multiplicando o numero de metros de seu comprimento pelo numero de sua largura e dividia o producto por 2. Obtido o numero de ms.2, eu o multiplicaria por 20$000, para saber quanto teria que pagar pelo cannavial.

—Muito bem. Agora, tomae vossos cadernos, vossos lapis, e traçae o esboço desta paisagem que divisamos, desde a matta que fica ao fundo da vivenda, o valle em que corre aquelle ribeiro, até á capella que se vê no alto da invernada. E sabei, meninos, que as aguas desse ribeiro vão ter ao Oceano Atlantico.

— Como, D. Lili, pois si Minas nem é banhada pelo mar?!

— Escuta: as suas aguas vão juntar-se ás do rio Cabo Verde; este desagua no Sapucahy, o qual vae ter ao Rio Grande. Por sua vez o Rio Grande, unido ao Paranahyba, forma o Paraná, affluente do Rio da Prata, na Republica Argentina, o qual, finalmente, tem a sua foz no Atlantico.

— Então, poder-se-ia ir em canôas á Republica Argentina?! pondera Raul, com surpresa e interesse.

— Poderia, se todos os trechos desses rios fossem navegaveis, mas não o são.

—Bem, já me sinto satisfeita com o resultado da excursão de hoje. Amanhã, em aula, aperfeiçoaremos o nosso desenho, e como exercicio de lingua materna, fareis o narração de tudo que observastes e aprendestes.

— Sim: havemos de narrar tudo, minuciosamente, para que a Sra. veja o proveito que tiramos de seus ensinamentos e assim promova logo outra, tão agradavel quanto esta, diz Nair.

—Pois si eu verificar que esta vos foi proveitosa, farei outra dentro em breve. Agora, disponhamos nossas merendas sobre a relva e façamos este *lunch* em conjuncto, como se estivessemos em familia.

—Viva a nossa professora D. Lili ! gritaram em côro.

—Viva!

MARIA JOSE' LEITE CORRÊA

---

A batata

Professor — Chamo a attenção dos meninos para os objectos que trouxe nesta cestinha.

Vejam. São coisas que vocês conhecem bastante.

Laura — Essa é batata doce.

P. — Sim, senhora, e esta outra?

Laura — E' a batatinha.

P. — Muito bem. E que differença existe entre a batata doce e a batatinha? Responda, Jefferson.

Jefferson. Existe primeiramente a differença de tamanho. A batata doce é geralmente maior do que a batatinha.

P — Você tem razão. Em segundo logar, Ruy, qual é a differença?

Ruy — Ha differença de forma. A batatinha é communmente arredondada, ao passo que a batata doce apresenta formas diversas.

P. — Bem. Agora o Celio vae dizer-nos o que sabe quanto ao sabor de ambas.

Celio — As batatas, quando cruas, não têm sabor algum apreciavel; cosidas, porém, apresenta cada uma o seu sabor. A primeira tem sabor assucarado, donde lhe veiu o nome de batata doce; a batatinha tem sabor especial.

P. — Sim, senhor. E qual é o outro nome da batatinha, Gerson?

Gerson — A batatinha tambem se chama *batata ingleza*.

P. — Perfeitamente. Na sua opinião, Gentil, qual das duas tem sabor mais agradavel?

Gentil — Eu gosto mais da batata doce.

Newton — Gosto mais da batatinha.

Antenor — Tanto aprecio uma como outra.

Geraldo — A batata doce, quando assada, é excellente.

Zelia — Frita é ainda melhor.

Milton — Póde ser preparada de diversos modos.

Cremilda — Frita, com manteiga e assucar, é a batata excellente sobre-mesa.

Aurea — Tambem se pode fazer bolo e pudim de batata.

Jadyr — O doce de batata é muito agradavel.

Adelia — A batatinha póde ser usada frita e como sôpa.

P. — Todos têm razão. Tanto a batata doce, como a batatinha, são usadas com grande proveito na alimentação. Ambas são muito estimadas como alimento humano.

P. — E qual é, Dimas, a que contém maior quantidade de materia digestivel?

Dimas — Parece-me que a batatinha.

P. — Em que se baseia o menino para dar essa resposta?

Dimas — Estou baseado no seguinte: sempre ouvi dizer que a batata ingleza é excellente alimento para convalescentes.

P. — E' justamente por ser alimento mais leve, mais delicado. Os doentes, os convalescentes, não poderão, por certo, usar alimentos muito fortes, incompativeis com seu estado, com suas condições. A batata doce contém 25% de materia digestivel, ou digerivel; isto é, em 100 grammas de batata doce encontramos 25 grammas de substancia aproveitavel e 75 grammas de residuo que se não aproveita.

A batatinha não é tão rica em substancia assimilavel. Ella contém apenas 17% de materia ou substancia assimilavel. Portanto a batata doce deveria custar mais caro que a batata ingleza, o que geralmente não acontece. Não é somente como alimento humano que se emprega a batata doce.

Ella substitue o milho na alimentação do gado bovino e do suino.

A batata doce tem 1/3 do valor alimenticio do milho e este custa mais caro, relativamente. Um kilo de milho corresponde a tres kilos de batata doce.

Os meninos devem ainda notar o seguinte: Plantando-se em determinada area de terreno, certa quantidade de milho e em area igual batata doce, esta deveria produzir em kilos 3 vezes mais do que o milho. Entretanto, geralmente, produz 6 vezes mais, donde se verifica a vantagem da cultura da batata.

Os meninos devem prestar toda a attenção a esta lição, tomando tambem algumas notas em seus cadernos.

FRANCISCO LETRO SILVA CASTRO

# PEQUENA ANTHOLOGIA DE RECITATIVOS

## O PÉ DE MILHO

*Minha cabeça vale ouro,*
*Os homens cortam-me o pé;*
*Quebram-me o corpo; de sorte*
*Que o meu destino este é:*
*Dar vida a quem me dá morte...*

---

## O MENINO LUXENTO

*— Menino luxento,*
*Você quer empada?*
*—Não, Mamãezinha; está muito salgada...*
*— Você quer assado?*
*— Não, Mamãezinha! Está muito tostado...*
*— Você quer salada?*
*— Não, Mamãezinha! Está muito aguada.*
*— Você quer pudim?*
*— Não, Mamãezinha! Está muito ruim...*

*— Menino luxento,*
*Você não quer nada?*
*Menino birrento,*
*Pois tome palmada...*

# A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funccionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

## Planos de lições — Defesa contra os inimigos e perigos

(3° anno primario)

*Meios de defesa da criança* — grito, unhas, dentes, pancadas, immobilidade, fuga, etc.

*Processo de defesa dos orgãos* — olhos, orelhas, nariz etc. (Ver Programma, pags. 105, 106, e 107.) Procura e observações de animaes e plantas (processos e meios de defesa). Meios de defesa do animal: meios semelhantes aos da criança. Defesa pela espessura da pelle, as escamas ,as espinhas, as garras, os chifres, as mandibulas, os tentaculos e corpo inteiro (serpentes), a cauda, a tromba, etc. Pela côr observar o mimetismo. O veneno, as picadas venenosas. Observação relativa aos meios que o homem só ou em sociedade, emprega em defesa de si mesmo ou de sua propriedade. Grades, fechaduras, janellas com grades de ferro, cofres, cercas, etc. Armas, fortalezas, trincheiras (observar um campo de manobras). Policia, guarda civil, guarda nocturna, Chefatura de Policia, prisões, bombeiros, etc. ( O Methodo Decroly", pagina 38).

*Auxilio dos inanimados ao homem* (V. Programma, pag. 122). O ferro, o cobre, o zinco, o chumbo, etc.

### EXPRESSÃO ABSTRACTA

*Leitura* — Como para o 4° anno, em cadernos proprios.

*Conversação* — Palestras allusivas ás observações.

*Lingua materna* — Resumo oral e escripto das coisas observadas.

*Escripta* — Trechos relativos ao centro de interesse em estudo.

*Recitação* — Poesias diversas e allusivas.

### MEDIDA

Problemas variados em relação com o centro de interesse em estudo.

*Estudo da forma* — A' frente da grade do grupo, do muro ou cerca de arame do quintal, ensinar intuitivamente as varias formas de linha e sua posição: Recta, curva, quebrada, horizontal, perpendicular, obliqua, parallela, vertical, espiral, mixta.

*Varios cantos* — Angulo recto, agudo, obtuso, arredondado.

### ASSOCIAÇÃO NO ESPAÇO

*Os meios de defesa nos Estados maritimos* — As fortalezas. Os mineraes de que dispõem para auxilio em sua defesa. A importancia, já observada, do ferro e a sua abundancia em Minas, S. Paulo, Sta. Catharina e Rio G.

do Sul. (Desenvolvimento dos pontos do programma: *riquezas mineraes*, 156, n. V — )

ASSOCIAÇÃO NO TEMPO

A riqueza mineral do nosso Estado em outros tempos e hoje. A origem do seu nome. Territorio mineiro: capitania, provincia e Estado.

Os bandeirantes. Descoberta de ouro e pedras preciosas. Fernão Dias Paes Leme e fundação dos primeiros arraiaes. A defesa dos nossos direitos. Tiradentes e Felippe dos Santos. A guerra dos emboabas.

EXPRESSÃO CONCRETA

*Desenho* — Um olho, orelha, uma grade, uma cerca, um muro, um cofre, etc.

*Trabalhos manuaes* — Defesa do corpo contra perigos diversos: as vestes.

(Consultem Instrucções, pag. 247)

INSTRUCÇÃO CIVICA

A policia e o delegado de policia (Desenvolvimento ao n. XVI, pag. 222, do Programma.

MORAL

A necessidade de optimos procedimentos, em defesa da propria felicidade. Maximas e pensamentos diversos e allusivos, e aquelles insertos á pagina 215, do Programma.

—

Centro de interesse — O movimento dos seres vivos

(4° anno primario)

*Observação*

Os differentes movimentos da mão, do punho, do braço, das espaduas, do tronco, das pernas, dos pés, dos olhos, da lingua, etc. Principaes ossos e articulações. Os musculos. Principaes musculos empregados nos movimentos que pedem concurso dos ossos. Especie de alavancas que representam. A fadiga muscular. Demonstração. (Fazer com que o alumno mantenha pequeno peso na mão, conservando o braço em sentido horizontal por certo tempo). A força muscular. Demonstração com saccos de areia e pedras, ou com uma barra de ferro, uma corda, etc. Precisão de movimentos. Experiencia — atirar pedras atravez de um orificio. Balanças. Experiencia. Destreza. Experiencias differentes — equilibrar um bastão verticalmente, com o braço destendido .

*Movimentos da mão durante o trabalho* — A mão como instrumento perfeito. Os ossos, o musculo das mãos. Movimentos particulares e exclusivos da mão: tocar, esfregar, pegar, arremessar, apertar, apagar, quebrar, desenhar, etc

*Movimentos da mão com o auxilio das espaduas* — Os mesmos e mais: levantar, abaixar, apoiar, esmagar, carregar, etc.

*Movimentos das mãos e partes do corpo, necessarios aos differentes misteres* (Observados em casa, em passeios, em viagens, etc. e imitados): — A cosinheira, a lavadeira — cortar, derramar, espargir, torcer, limpar, etc.

O padeiro — misturar, enrolar, metter no forno, etc.

O lavrador, o ferreiro, o jardineiro, o marcineiro, açougueiro, alfaiate, costureira, carpinteiro, etc. Grupar os officios segundo os differentes movimentos que intervêm e o esforço necessario ao seu desempenho.

Movimentos indispensaveis a varias especies de jogos .

Jogos realisados com instrumentos e sem elles .

Jogos individuaes e collectivos. "Sports" e exercicios physicos. ("O Methodo Decroly, pag. 46)

ASSOCIAÇÃO

(V. Programma de pag. 125 a 129).

"A actividade vital se manifesta pelo movimento. O corpo humano contem cerca de 500 musculos. Todo o movimento do corpo depende da actividade muscular. Todos os movimentos dos musculos são regulados pelo systema nervoso. Ha musculos que trabalham independentemente da nossa vontade. Os musculos trabalham contrahindo-se. Os tendões são extremidades afiladas dos musculos, que os prendem aos ossos."

EXPRESSÃO ABSTRACTA

*Leitura* — (Em os primeiros dias) "Quarto Livro de Leitura", de Felisberto de Carvalho, capitulos que se refiram ao centro de interesse em estudo. As lições subsequentes serão dos proprios cadernos dos alumnos.

*Conversação* — Palestras allusivas ás observações.

*Lingua Materna* — Resumo das observações e associações.

*Nota* — Taes resumos escriptos, serão, depois da respectiva correcção por parte da professora, passados para cadernos especiaes e individuaes, os quaes conterão, ao lado de cada lição, desenhos allusivos. Servirão, esses resumos, de leitura á classe. Sobre taes cadernos, veja a professora a opinião de Adolpho Ferrière, em sua obra "Transformemos a Escola", pagina 119 e "La Pratique de L'E'cole Active," do mesmo auctor, pagina 49.

*Escripta* — De trechos relativos ao centro de interesse.

*Recitação* — Poesias diversas.

MEDIDA

Medir as mãos, os pés, os passos, a altura da criança (a palmos). Diversos saltos e medida da extensão alcançada. Estudo do centimetro.

*Medida decimal de comprimento* — Estudo do millimetro, decimetro, metro, decametro, hectometro e kilometro. Medidas de capacidade: litro, decalitro, centilitro, litro dobrado, meio decalitro e o decalitro.

*Nota* — Essas lições deverão ser ministradas de accordo com o processo altamente intuitivo, adoptado por Calkins, em sua obra existente nesta bibliotheca — "Lições de Coisas", pag. 336 e 362.

ASSOCIAÇÃO NO ESPAÇO

*Profissões e obras realizadas em paizes extrangeiros. As profissões em outros paizes* — Os antigos monumentos do Cuzco (V. Thesouro da Juventude, pag. 1379) A estrada de ferro do Peru', importante trabalho do homem, ligando Molondo a Puno, passando por Arequipa. A estrada de ferro dos Andes, que vae de Buenos Aires ao Chile, passando pelos pampas. As planicies da America do Sul e systema de montanhas.

*Os paizes mais importantes da America do Norte*—As principaes industrias e commercio da America do Norte. Os Estados Unidos. O povo norte americano. As grandes cidades norte americanas. Referencias ao Mexico e á America Central. Os Andes. Comparação entre a America do Norte e a do Sul. As costas do Atlantico e as do Pacifico.

ASSOCIAÇÃO NO TEMPO

*Profissões e obras realizadas no tempo antigo* — (A' frente do mappa da Europa e do planisphério) Sucinto estudo de Portugal,

As importantes obras ali realizadas em outros tempos (V. revista — "O Universo Illustrado", de Janeiro de 1877, existente nesta bibliotheca). O espirito aventureiro do povo portuguez. As primeiras tentativas de viagem ás Indias. Os insuccessos e a consecução desse grande desideratum. As Americas antes da sua descoberta. Os monumentos dos Incas. ( V. "Thesouro da Juventude", volume 1°, pag. 175). Os Incas e Aztecas. Os selvagens do Brasil. Seus costumes, linguas e religião. Descoberta do Brasil. As velhas construcções dos tempos coloniaes. Estudo dos principaes acontecimentos dos tempos coloniaes. A abolição do elemento servil.

EXPRESSÃO CONCRETA

*Desenho* — A mão, o pé. Scenas passadas na escola; a criança pregando, cavando, modelando, marchando, correndo, etc. O corpo humano.

*Modelagem* — Modelar o pé, a mão, martello, pá, etc. Diversos trabalhos feitos com a mão: costura, "tricot". Trabalhos de carpintaria.

MORAL

*Noticias de descobertas importantes* — O telegrapho, o navio a vapor, estrada de ferro, automovel, aeroplano, submarino, telegraphia sem fio, telephone, cinematographo, etc.

INSTRUCÇÃO CIVICA

*Principaes profissões e obras da séde escolar*—Edificio da Camara. A Camara Municipal. Os vereadores, o presidente. As leis municipaes. Congresso Estadual. Congresso Nacional. Presidente do Estado, presidente da Republica. A comarca, o Estado e a Federação. O eleitorado e as eleições.

HYGIENE

A limpeza das mãos e das unhas. O inconveniente de levar as mãos á bocca. A necessidade do asseio geral para uma perfeita saude. Os exercicios physicos para desenvolvimento dos musculos, etc.

RELIGIÃO

O martyrio de Jesus. Os pregos em seus pés e mãos. O que significa o santo sacrificio da missa, etc.

ROMEU VENTURELLI

(*Director do grupo escolar de Christina*)

---

Plano de lição — Centro de interesse: a vacca

*Observação* — Apresentar o desenho da vacca, estabulo. (Desenho em ponto grande.) Mostrar coisas reaes, como: leite, queijo, manteiga.

Chamar a attenção dos alumnos para as pastagens.

*Linguagem* — Conversação com os alumnos sobre a vacca e explicação sobre os quadrupedes, principalmente os ruminantes. Explicar a fabricação do queijo, da manteiga. O papel que o leite desempenha. Utilidade do leite, do queijo, da manteiga e da carne, na alimentação; do couro, dos ossos, dos chifres, na industria.

Dizer que o leite é composto de diversas substancias. O cuidado que se deve ter com a vacca e com o uso do leite.

*Leitura* — A gravura indica um homem carregando dois baldes com leite. Fazer que os alumnos

escrevam de preferencia as letras que compõem o centro de interesse.

*Sentenças*

Da vacca se retira o leite.
O leite, bom alimento.
A manteiga é saborosa.
A carne é necessaria á humanidade.

*Occ. froebeliana* — Collar figuras de animaes quadrupedes. Recortar figuras de vaccas, de sapatos, chinellos, pentes. Modelar a vacca e o estabulo.

*Desenho* — Copiar a vacca no quadro-negro e fazer com que os alumnos desenhem o animal referido.

*Exercicio* — Fazer com que as creanças tenham idéas proprias sobre o leite, queijo, manteiga, carne e couro.

*Calculo* — Contar as vaccas e bezerros num grande estabulo.

*Exercicio sensorial*: Differenciar pelo paladar, pela côr, o leite, de outras substancias, como a agua, vinho, mel, etc. Reconhecer a vacca entre outros quadrupedes, como: o cavallo, o carneiro, etc. Conhecer o mugir do animal em assumpto. Observar a côr, consistencia e gosto do leite.

AFFONSINA PALETTA

*(Profesora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra)*

——

## Centro de interesse: o trigo

*Observação* — Apresentar aos meninos uma espiga de trigo ou uma gravura representando a mesma; fazer com que as creanças observem bem esse vegetal, vendo o que nelle ha de mais notavel e sua utilidade. Mostrar-lhes o trigo depois de reduzido a farinha.

*Associação* — Comparar o trigo a outros vegetaes, especialmente ao milho. Ensinar aos meninos como se planta e trata esse vegetal.

*Linguagem* — A professora, por meio de perguntas, fará com que as creanças falem tudo que sabem sobre o trigo. Arranjará mesmo historietas que com elle se relacionem, para que as aulas fiquem mais interessantes. Ao mesmo tempo que lhes fôr ensinando novas coisas a respeito dos caracteres exteriores do trigo, de sua utilidade e do meio de cultival-o, irá tambem corrigindo os erros que os pequeninos commetterem.

*Calculo* — Apresentando ás creanças uma gravura representando um campo de trigo (ou desenhando no quadro negro), fazel-as contar as diversas espigas; mostrando-lhes espigas desse vegetal, fazel-as contar os grãozinhos que as formam. Mandar que resolvam pequenos problemas, como por exemplo: Paulo ganhou tres espigas de trigo e comprou duas, com quantas ficou?

Dulce tinha 8 espigas, deu duas a sua irmã; quantas restam?

*Leitura e escripta* — Para aproveitar o centro de interesse, ensinar-se-ão aos meninos as letras componentes da palavra "TRIGO", fazendo ao mesmo tempo no quadro negro o respectivo desenho; usando os caderninhos quadriculados e o quadro negro, far-se-á com que os alumnos escrevam essas mesmas letras.

*Desenho* — A professora fará com que os meninos copiem um desenho feito por ella no quadro negro e que tenha relação com o centro de interesse; depois as creanças deverão coloril-o. Deixar-se-á tambem que as creanças façam desenhos espontaneos sobre esse mesmo thema.

*Occ. froebeliana* — Os alumnos recortarão espigas de trigo desenhadas num papel.

*Occ. montessoriana* — Os meninos, por meio do tacto, distinguirão uma espiga de trigo de outros objectos e, por meio da vista, as suas côres.

*Occ. decrolyana* — Jogos educativos aproveitando o centro de interesse.

MARIA JOSÉ VIEIRA

(*Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra*).

---

## Centro de interesse: o porco

*Observação* — Mostrando diversas gravuras do animal, desenhos coloridos no quadro e tambem porquinhos de massa (brinquedos), despertar a curiosidade da creança para descrevel-o exteriormente, estudando cada parte separadamente.

Palestrar com os alumnos sobre o genero de vida do animal (mostrar chiqueiros), sua alimentação e sua voz.

*Associação* — Falar sobre o que elle nos fornece, não só para a alimentação, mas tambem os productos aproveitados pela industria e commercio. Mostrar desenhos de fiambre, linguiças, chouriços, carnes em conserva, diversos frios e latas de banha, para commentar os seus variados processos de fabricação. Salientar o aproveitamento do couro, para confecção de malas, pastas, etc.

*Comparação* — Apresentando gravuras do porco domestico e do porco espinho, estabelecer conversação comparativa, desde o modo de viver de cada um até o aspecto physico.

*Linguagem* — (Com gravura)— Perguntar o nome do animal, suas partes (como, por ex., mostrando o focinho): Que é isto? Para que serve? Onde é o nariz do porco? E a bocca? Quantas patas tem? E o numero de unhas de cada uma? Já viram um leitãosinho? Que animal é? Para que serve? Qual a especie de alimentação do porco? E sua casa? (mostrar desenho de um chiqueiro moderno).

Passando aos productos que elle nos fornece: de que é feito o chouriço? E a linguiça? Que é o presunto, de que parte do corpo se faz? Qual a differença entre o pernil e o presunto? Estudar todos os frios separadamente, mostrando a industria e o commercio dessas mercadorias.

Falar demoradamente sobre a banha, sua preparação e consumo; explicar o fabrico de bolsas, calçados, etc. com o couro do porco.

Mostrar o porco espinho e domestico (figuras); com perguntas estabelecer comparações entre elles.

Contar historietas sobre o porco, como por exp.: "Memorias de um leitão." Esta fabula instrue, porque é a vida de um porco que foi parar em uma fabrica de banha, seguindo uma serie de peripecias que muito prenderão a attenção dos alumnos, e elle conta tudo que poude ver, instruindo assim as creanças.

*Calculo* — Com porquinhos cortados em cartolina, fazer problemas de somma e subtracção ao alcance das creanças; e tambem contar até certo numero.

*Desenho* — Para a aula de desenho copia, fazer no quadro negro, com giz de côr, o porco e tambem alguns alimentos fornecidos por elle, afim de que os alumnos copiem em folhas soltas e depois na aula de coloração tornem os desenhos esboçados coloridos com as côres naturaes.

Desenhar de imaginação leitõesinhos assados e vivos, linguiças, presuntos, etc.

*Hygiene* — O perigo das carnes crúas, modo de cozer os alimentos, cuidado para que fiquem isentos de mosca.

Esta aula é dada por meio de uma palestra em que a professora aconselha aos alumnos e conta factos que se relacionem com o que está sendo ensinado .

*Religião* — Historia relatando o procedimento incorrecto de certos meninos com os animaes. Mostrar como elles devem ser tratados.

*Occ. decrolyana* — Jogos educativos aproveitando o mesmo centro de interesse.

*Trabalhos manuaes* — (Occ. froebeliana) — Formar familias de porcos com seus chiqueiros, recortados em papel setim ou cartolina. Na aula de modelagem, reproduzir em cera o animal, fazer presuntos, linguiças, choriços, etc.

*Educação dos sentidos* — (Occ. montessoriana) — Aproveitar a aula de merenda, levando alguns alimentos provenientes de porco, fazer aos alumnos provarem para distinguir os sabores, cheirar e dizer o que é ver e classificar, isto é, dar os nomes.

Imitar o grunir do porco afim de que as creanças digam de que animal é.

CLELIA LOPES MARQUES

(*Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra*)

---

## Orientação da escola activa nos Estados Unidos

Na conferencia que, sob o thema acima, o sr. dr. Gustavo Lessa proferiu na Associação Brasileira de Educação, e a "Revista do Ensino" publicou em seu numero de outubro, escaparam erros de revisão que mutilam o sentido e prejudicam o texto.

Para, de algum modo, corrigil-os, informamos aos leitores que o alludido trabalho não foi revisto pelo autor.

# Daqui e dali

## Methodo de projectos

### *Exemplos de projectos*

Vamos começar apresentando alguns exemplos desse methodo de ensino activo e real por excellencia, afim de offerecer base concreta para melhor compreensão do assumpto.

Esses exemplos patentearão que o methodo de projectos transporta a realidade da vida para o ensino, levando os alumnos a "aprender pela vida e para a vida".

1.°) Projecto em hygiene: "Campanha contra as moscas".

Este projecto foi levado a effeito por Mr. Pricer como um meio de vivificar o trabalho em suas aulas de biologia, na escola normal da Universidade de Illinois.

Entre parenthesis, é de lembrar que já se fez em nosso Estado cousa semelhante contra o stegomya, na recente campanha em que se empenharam como auxiliares os alumnos das escolas publicas da Capital e do "interior", por occasião da epidemia de febre amarella que ameaçou alastrar-se e que teve como foco a cidade do Rio. Prolongando-se o parenthesis, convém ainda notar que as creanças de nossas escolas têm sido algumas vezes chamadas ao campo real da vida para trabalhos de alcance geral, como, por exemplo, nas occasiões de recenseamento escolar.

Contra as moscas o que se fez naquella citada Universidade de Illinois foi isto, em largos traços de resumo: Deu-se o plano a conhecer aos estudantes e membros da faculdade. Não deviam tomar parte no trabalho as creanças que não comprehendessem o problema.

Um periodico escolar lido na localidade inseriu numerosos artigos e trechos acerca das moscas, de permeio com outros assumptos. Inteiraram-se todos da campanha. Os estudantes dividiram a cidade em districtos para cada um dos quaes designou-se uma pessoa entre as mais "diplomaticas" para proceder a inspecções sanitarias. Explicavam o proposito da visita, a utilidade da campanha. Se havia necessidade, o estudante accentuava o facto de se acharem todos unidos para tal fim e que podiam as propriedades ser indigitadas como focos de infecção, caso não fossem executadas as limpezas necessarias. Um deputado offereceu-se para auxiliar a empresa e fez distribuir publicações officiaes opportunas.

Determinou-se uma semana para limpeza geral.

Entre outros, desenvolveu-se o curioso problema de calcular a distancia que uma mosca adulta percorre desde o ponto em que nasce. Observou-se que as moscas do cavallo atravessam distancias consideraveis seguindo os animaes, ao passo que a mosca domestica as percorre relativamente pequenas, porquanto nenhuma precaução se havendo tomado na cidade mais vizinha, isso em nada prejudicou o exito do projecto.

Em relação com o assumpto representado pela mosca, estudaram-se outros insectos como vehiculos de enfermidades e elevando-se o interesse ao mais alto grau, essa questão foi facilmente dominada e os principios de entomologia, esclarecidos.

Os resultados mostraram-se evidentes. Os principios aprendidos foram resumidos nas aulas, ficando patentes suas relações com os problemas vitaes.

3.°) Projecto em geographia: "Longitude e Tempo".

Foi um thema aproveitado opportunamente e mostra a possibilidade de assim se fazer.

Novembro de 1918, pouco depois de firmado o armisticio. Tinha-se começado a estudar, em uma classe de 7.° grau aquelle thema.

Os jornaes noticiavam que o armisticio firmara-se "ás 11 horas do dia 11 do decimo primeiro mez."

Em que momento repicariam os sinos de Urbana proclamando o facto? Como explicar-se que deviam fazel-o *antes* daquella hora?

Os alumnos sentiam-se tão ansiosos para responder que mal se podiam manter nos logares. Queriam falar todos a um tempo. Concedaram-lhes 10 minutos para escreverem as respostas em papel.

E pela primeira vez sentiram o desejo de escrever, já que tinham algo a explicar.

Então uma joven levantou a mão e disse :

— Tenho a solução do problema e desafio o resto da classe a que encontre algum erro em meus argumentos!

A classe ergueu a luva. E como a rapariga se portou com brio ante ella (e por 30 minutos) discutindo com os companheiros! Nem um jogo de "foot-ball" teria effeito mais excitante...

3.°) Projecto em economia domestica: "Regime Alimenticio".

Objecto: determinar a porção de alimento de que necessita diariamente uma pessoa.

Levou-se em conta a occupação do pessoal e o peso medio da classe. Calculou-se sobre essa base um "menu" diario pelo qual prepararam e comeram um dia tres pratos.

Foi tudo quanto lhes serviu de alimento.

Conclusão: "que em geral se come demais e que o regime alimenticio ordinario não é sufficientemente variado."

Acharam muito interesse no problema porque prepararam o seu "menu" para comer o que tinham projectado, o que não aconteceria se houvessem traçado um "menu" figurativo, simplesmente para ser registrado nos cadernos.

O que aprenderam ficou-lhes mais fortemente gravado do que pelo processo de trabalho com cousas apenas imaginadas.

4.°) Projecto em physica. O automovel proporciona optimos exemplos da maior parte dos principios de physica.

Em uma das escolas superiores de certa cidade, constituiu mesmo a base do trabalho pratico de physica.

Se os principios desenvolvidos neste projecto forem posteriormente dispostos em ordem logica e revistos, com exemplos addicionaes, o methodo produzirá satisfactorios resultados.

O exercicio systematico é de capital importancia e não deve ser desprezado, é indispensavel notal-o.

Como estes projectos para aqui trasladados, ha-os para o estudo de linguas, de civismo, de geographia, de historia, de mathematicas, bem como projectos relacionados com materias de campos differentes e ainda projectos em trabalhos normaes, etc.

São interessantes, taes como os expõe a obra de que fazemos este ligeiro e imperfeito apanhado — obra essa aliás conhecida:

"Methodo de Projectos", edição de La Lectura — Madrid.

Com a devida venia, reproduzimos o plano abaixo do desenvolvimento de um projecto em trabalho manual, que a illustrada educadora d. Celina Padilha apresentou por occasião de uma conferencia que realizou em São Paulo, em setembro deste anno.

Tratava-se da construcção de um biombo necessario para a classe e esse objecto tornou-se um fecundo "centro de interesse" para as creanças.

Eis o quadro:

BIOMBO (5.º anno)

| Sciencias | Arithmetica | Desenho | |
|---|---|---|---|
| | | Perspectiva | Geometria |
| (Utilidade do biombo para a vista).<br>Corpos opacos transparentes translucidos.<br>Sombra e luz.<br>App. visual. | (Observação dos alumnos em casas de moveis. Como são feitos os biombos).<br>Preços de biombos.<br>Problemas sobre porcentagem.<br>Abatimentos. | Desenho das... (faces ) | Rectangulo.<br>Avaliação das areas—m.2<br>Cubo e parallelepipedo.<br>Avaliação de volumes—m3. |

Material

Escolha da madeira pela facilidade do trabalho, pelo preço.

PINHO

| Syst. metr. | Sciencias | Geographia |
|---|---|---|
| Medidas da madeira a em pregar.<br>Medida da lenha.<br>Cubagem.<br>Estere. | Combustiveis.<br>Calor. Sua propagação.<br>Seus effeitos sobre os corpos<br>Como se faz uma exploração de madeira.<br>Visita a uma serraria. | O pinho no Brasil.<br>Brasil meridional.<br>O pinho estrangeiro.<br>Paizes productores de pinho. |

Amostras de fazendas com os respectivos preços. Sua escolha.

| Arith. | Sciencias | Geograph. | Historia |
|---|---|---|---|
| Medida da fazenda.<br>Seu custo.<br>Problema a proposito. | O algodão.<br>O algodoeiro.<br>Visita a uma fabrica. O trabalho nas fabricas. | O algodão no Brasil N. E. e S. Paulo.<br>Paizes productores de algodão | O algodão No E. sob o ponto de vista historico. |

SYNTHESE: Orçamento—Preço por que ficou o biombo—Vantagens do trabalho manual.

*Definição de projecto* — E' um acto problematico levado a completa realização em seu ambiente natural".

Differe das "praticas" que, parece, indicam o methodo pelo qual os principios se applicam aos assumptos praticos.

Assim, numa aula theorica de chimica adquirem-se principios; no laboratorio faz-se a pratica. Medir-se um campo ou achar a largura de um rio por meio de principios de trigonometria é fazer mathematica pratica.

Differe do "problema" (com o qual alguns o confundem) pois, conforme Kilpatrik, o problema "tende a accentuar o aspecto intellectualista do trabalho escolar, emquanto que o projecto tem em conta não só a situação problema-

tica, mas tambem a acção e a possibilidade de conduzil-a á realização completa".

O ambiente do problema pode ser artificial, quer dizer, pode elle ser proposto de modo diverso da vida real. O do projecto é sempre natural. Sem ambiente natural não existe projecto, que é "uma situação normal da vida, isto é — o problema desenvolvido em seu ambiente natural".

Os problemas podem ser "simples" e "multi-problemas" e os projectos — "simples" e "complexos".

Exemplos: Problemas simples: — Onde está a Bahia? — Qual sua capital? Multi-problema: Poderia a Nova Inglaterra desenvolver-se em nação poderosa e independente?

Este multi-problema acarretava varios problemas, o primeiro dos quaes foi: — E' a Nova Inglaterra grande bastante?

Projectos simples (sempre que cada caso se desenvolva em seu ambiente natural): Serrar e aplainar uma taboa (trabalhos normaes), fazer uma analyse de terras (agricultura), etc.

Projecto complexo: "Encommendas postaes". E' um motivo apparentemente simples e mostra como apesar disso pode ser utilizado como base de um projecto complexo e relacionado com muitas materias. Foi realizado no "Iowa Teachers College Training School". As creanças queriam enviar, nas ferias, diversas encommendas a parentes e amigos distantes. O proposito foi apresentar o assumpto ás creanças, de maneira que se preparassem para utilizar-se do serviço de encommendas postaes com a maior vantagem.

Houve discussões geraes e trabalho nas aulas de trabalhos manuaes, geographia e arithmetica.

Eis as experiencias que os alumnos adquiriram: pratica de leitura e escripta; conhecimentos de mathematica simples, incluindo-se medidas; conhecimento de alguns outros logares em relação com a sua localidade; habilidade para o trabalho normal e elementar; e, como tinham recebido objectos por via postal, tinham visto o carteiro entregando as encommendas.

Os principaes fins que o mestre se propunha eram:

1.°) ensinar as creanças a envolver com perfeição os objectos e por-lhes o endereço adequado para envial-os pela via postal;

2.°) ensinar o que pode e o que não pode ser enviado por esse meio;

3.°) ensinar a vantagem do serviço de encommendas postaes;

4.°) propor problemas praticos de arithmetica;

5.°) iniciar as creanças na leitura de mappas, localizando os logares para onde as encommendas iam ser remettidas;

6.°) dar-lhes ampla concepção da vida civica;

7.°) educal-as na obediencia ás leis e regulamentos; e

8.°) ensinar-lhes a soccorrer a outrem.

A technica e pratica de acondicionar, de empacotar foi realizada nas aulas de trabalhos manuaes; o endereço com os problemas que suscitava, nas aulas de lingua; o estudo das zonas, em que ha serviço de encommendas postaes, nas de geographia; nas de arithmetica, aprenderam as creanças a pesar e a calcular pelo peso o custo do transporte para as differentes zonas.

A encommenda que mais interessou foi a que se preparou para certo asylo. As creanças trouxeram brinquedos de casa e construiram outros na escola, na aula de trabalhos manuaes, para tal donativo. Incluiu-se uma carta escripta por um dos membros da classe solicitando a resposta das creanças do asylo.

Como devia ser escolhida a melhor carta por um "comité", ori-

ginou-se competencia, estimulo para escrever a carta.

A serie total das lições subministrou um bom exemplo do genero de trabalho escolar que forma parte da vida real diaria.

*Caracteristicos do projecto*

a) Exige-se raciocinio; b) informação como meio para realização; c) aprendizagem no ambiente natural; d) prioridade do problema sobre os principios.

Os outros methodos apresentam menos ou mais do que esses quatro caracteristicos e têm em troca caracteristicos contrarios: a) informação de memoria (em vez de raciocinio) b) informação por si mesma, como fim (em vez de informação como meio de realização); c) aprendizagem em meio artificial; d) prioridade de principios (contra prioridade de problemas).

As vantagens da "prioridade dos problemas" sobre a dos principios são as seguintes:

1.ª) Os principios são melhor comprehendidos quando desenvolvidos á medida que o estudante vá tendo necessidade delles.

2.ª) Os principios assim adquiridos pelo individuo seguem a ordem em que foram adquiridos pela raça (lei biogenetica); o formular dos principios é o processo final que se segue á observação e applicação e nunca é anterior a estas.

3.ª) Os principios são formulados com mais interesse quando se lhes conhece e aprecia o uso.

*Conclusão*

Ainda que o "methodo de projectos" apresente, como pensam alguns, difficuldades invenciveis para ser a unica base da organização de um programma, pode sempre ser empregado como um meio auxiliar, cuja importancia e efficacia é impossivel desconhecer.

O professor deverá preliminarmente examinar o assumpto escolhido para ser desenvolvido em projecto, com o fim de lhe enumerar os factos, principios e processos a serem ensinados, dispondo o material em ordem logica e systematica.

Pode acontecer que muitos factos, principios e processos não estejam em condições de figurar nos projectos. Quando houver grandes difficuldades e o methodo de projectos parecer anti-economico, então se recorrerá ao methodo de problemas ou ao methodo da apresentação systematica da materia.

O methodo de projectos parece que satisfaz a necessidade de preencher o abysmo cavado pelo artificialismo entre o trabalho escolar e o trabalho real, extra-escolar, pois offerece o ensino em seu meio ou ambiente natural, o que constitue o caracteristico que essencialmente o differencia do problema.

E' um methodo que muitas vezes pode e deve, portanto, ser utilizado em todos os graus do ensino, para que este não seja exclusivamente theorico, intellictualista, incapaz de trazer "modificações da conducta", principal fim da educação.

PROF. LUIZ GONZAGA FLEURY

*(Inspector escolar districtal em São Paulo).*

(Da revista "Educação", de S. Paulo, n. de fevereiro).

---

## Os novos methodos de ensino americano no Brasil

*Fixando impressões das professoras Laura Lacombe e Julieta Arruda*

O "Diario da Noite", tendo ouvido as quatro professoras que regressaram dos Estados Unidos,

onde foram estudar os novos methodos de ensino, enviadas pela Associação Brasileira de Educação, publicou hontem as impressões das professoras Maria R. Campos e Consuelo Pinheiro.

Hoje tem o prazer de publicar o que ouviu, e são impressões deveras interessantes, das professoras Laura Lacombe, vice-directora do "Curso Jacobina", e Julieta Arruda, directora da Escola Rodrigues Alves.

A illustrada educadora senhorita Laura Lacombe confessa-nos:

—A impressão que tive dos Estados Unidos foi de deslumbramento, não pela belleza das cidades, pois só Washington é verdadeiramente linda, mas pelo ambiente de estudo em que penetramos. Ha muita gente que suppõe serem os Estados Unidos o paiz onde se tem "a goodtime". Julgam aquella Republica pelo cinema, o que seria tão injusto como julgar a França pelos romances ou ainda... o Brasil pelo carnaval.

Realmente, lá existe de tudo como em todos os grandes paizes, mas o que faz o seu progresso não será essa camada frivola, porém a base da sua sociedade, que ainda em parte guarda os habitos dos puritanos do tradicional "Mayflower".

Fomos em Nova York entrevistadas por dois senhores que desejavam saber sobre se no Brasil se julgavam os Estados Unidos pelo cinema. Não pudemos negar que muita gente o faça, e com razão, pois é só o que de lá conhecem. Aqui não chega a profusão de livros scientificos que lá são produzidos. Muito ganharia o Brasil se pudesse haurir daquella fonte tão farta.

—Acha então superior a vida de estudos nos Estados Unidos? — perguntámos á senhorita Laura Lacombe.

—Sem duvida alguma: ao vêr as salas de bibliothecas, repletas de moças e rapazes que lá passam dias inteiros fiquei triste de me lembrar que aqui, no Brasil, ainda não se comprehende o verdadeiro valor do estudo; o cinema, a Avenida, têm mais attractivos.

Notou alguem que não viamos mocinhas pelas ruas: estas encontram-se nas "high schools" e nos "colleges", e só se divertem nos "weeck-ends".

—Que achou do nivel de cultura do povo norte americano?

—Muito superior ao que esperava. Todos têm, pelo menos, cultura secundaria e até alguns hoteis e grandes lojas preferem as empregadas que tem curso de "college".

— Não acha que esses empregos rebaixam quem tem a cultura superior?

— Para o americano, todo trabalho é nobre.

Em um desses edificios, chamados "halls", onde se hospedam estudantes, vimos rapazes trabalhando na cozinha: eram estudantes da Columbia University que assim ganhavam o seu sustento.

—A cultura do povo não será causa da crise de criados?

—Por certo, ella causou essa crise, mas a mulher americana vence a situação, pois é uma perfeita dona de casa. Vi a verdadeira vida de "home" talvez mais intensa do que a conheçamos, e isso bem perto de Nova York: uma mulher instruida, que cuida do seu jardim e faz os seus petiscos, e o seu marido que, ao voltar do escriptorio, ajuda-a collocando lenha na lareira! Não a mulher servindo seu marido e senhor, porém, a justa cooperação dos dois no trabalho do lar.

Já haviamos tomado grande tempo á professora Laura Lacombe. Quizemos, comtudo, saber ainda das vantagens desse movimento criado em nosso paiz pela Associação Brasileira de Educação.

—Acho esse movimento de grande alcance, disse-nos a vice-directora do "Curso Jacobina", e espero que essas viagens se repitam e que outros possam gozar de tão grande previlegio e que comprehendam quanto precisamos trabalhar com ardor e patriotismo pelo nosso Brasil.

---

A professora Julieta Martins Arruda, da Escola Rodrigues Alves, é uma das nossas educadoras mais cultas, com uma noção perfeita da evolução e da finalidade dos modernos methodos educativos nos tempos actuaes.

Nos Estados Unidos muito viu e apprehendeu. E do que viu e apprehendeu tanto não faz segredo, como quer divulgar, patrioticamente, o que poderá servir de orientação aos educadores nacionaes.

Falando ao "Diario da Noite", a dignissima professora contou-nos de quem partiu a idéa da delegação aos Estados Unidos, como ella foi organizada, como foram organizados os grupos, a recepção que tiveram e a primeira visita, logo no dia seguinte ao da chegada, porque o Instituto de Educação Internacional tudo preparára convenientemente, á Universidade de Colombia.

E logo depois, diz-nos a professora Julieta Arruda:

—Nessa Universidade estavam centralizados todos os nossos assumptos de estudo, desde a escola primaria até á superior. A Universidade de Colombia é, por si, uma cidade.

Em uma grande area se encontram, além dos differentes estabelecimentos de ensino, os predios annexos (casas de moradia de professores, alumnos, laboratorios, etc).

Annexas á Universidade de Colombia funccionam duas escolas primarias, que são tomadas como modelo: a "Lincoln School" e a "Horace Mann School".

Além destas, tomadas como modelos, visitei o grupo que se dedicava ao ensino primario, outras escolas em Nova York, em Nova Jersey, em Cambridge e em todas as cidades que percorremos.

Todo o movimento da reforma educativa se fez com a collaboração da familia.

O povo, em massa, chegou a comprehender que a nossa civilização precisa de outros methodos de ensino, e que a antiga escola de lêr, escrever e contar era incompativel com os tempos que correm.

A escola tem de ser a reproducção da vida.

A criança vive na escola como num mundo em miniatura.

Simultaneamente ao trabalho intellectual, têm o trabalho manual. Em todas as escolas, quer na particular, para os filhos de ricos, quer na publica para o filho do povo, existem a carpintaria, a sala de trabalhos de mecanica, a modelagem, a forja, etc.

A educação physica e a artistica são feitas com grande interesse. Não ha escola sem gymnasio e sem auditorio, além dos terrenos para jogos e vida ao ar livre.

Em muitas escolas já ha piscina. O espirito de democracia é real.

Tudo aquillo que os bons paes desejam para seus filhos, o filho do povo, o filho do governo tambem tem.

A palavra alphabetização, que tanto enche a bocca dos nossos administradores, desappareceu nos Estados Unidos, como devia desapparecer aqui, sendo substituida pela palavra "instrumentação", porque alphabetizar o povo sem lhe dar meios de ganhar a vida pelo trabalho de suas mãos é pernicioso.

Na minha opinião, é preferivel uma enxada na mão de um analphabeto que um romance de cordel em mão sem habilidade. Na America não se abandona o filho

do povo no meio do caminho: toma-se a criança aos 4 annos e colloca-se o individuo na vida aos 21, tendo tido opportunidade de escolher sua profissão de accordo com suas aptidões.

Em 44 dos 48 Estados, o ensino é obrigatorio, desde o jardim de infancia e o movimento de escolas de créche vae se intensificando de dia para dia.

Concluindo as suas impressões, a conhecida educadora sra. Julieta Arruda assim se exprime:

—A ninguem se interpõem barreiras. A fortuna nada influe na educação. Só dois lados se considerám na educação: a parte psychologica ou individual da criança, e a sociedade que a vae receber.

(Do "Diario da Noite", do Rio, de 12-3-930)

# Actos officiaes

## Inspectoria Geral da Instrucção

*Instrucções aos funccionarios incumbidos da inspecção do ensino*

Aos senhores assistentes technicos regionaes.

Recommendo aos senhores assistentes technicos regionaes observem com o maximo cuidado as instrucções abaixo, nas suas visitas aos grupos escolares — urbanos e districtaes, — bem como nas syndicancias e inqueritos que tiverem de abrir:

1.ª) Quando notarem falta de mobiliario e material, nos estabelecimentos visitados, façam a esta Inspectoria um officio a respeito, pois não é conveniente o registro do pedido de fornecimento no relatorio.

2.ª) Dêm instrucções claras e minuciosas aos professores, orientando-os com o maximo interesse e cuidado sobre os modernos processos de ensino, e traçando-lhes normas seguras para o bom desempenho de seus deveres. Façam sempre aulas-modelo a respeito de todas as materias do programma, no transcorrer das quaes devem salientar as vantagens dos novos processos de ensino sobre os antigos.

3.ª) Deixem consignados nos termos os conselhos e instrucções dados aos professores, abstendo-se de elogios.

4.ª) Verifiquem, quando de novo visitarem os grupos, si estes progrediram e si as recommendações deixadas nos termos foram observadas.

5.ª) Orientem os directores sobre a maneira de se executarem os dispositivos regulamentares que tornam a frequencia obrigatoria.

6.ª) Respondam aos quesitos dos relatorios taes como se acham formulados, sem fugirem da letra por meio de circumloquios que não satisfaçam ás perguntas.

7.ª) Apurem as causas determinantes da infrequencia dos grupos, si ella existir, por meio de syndicancia.

8.ª) Sejam o quanto possivel exactos nas suas informações, para que esta Inspectoria, nellas apoiada, possa agir com segurança e justiça nas resoluções que tomar.

9.ª) Promovam a creação de Caixas Escolares nas cidades, villas e districtos que ainda não as possuam.

10.ª) Tomem especial interesse pelas instituições e actividades escolares, explicando as razões de sua existencia, entre as quaes sobresae o desenvolvimento da iniciativa, cooperação, respeito á personalidade alheia, independencia de pensamento e facilidade de expressão.

11.ª) Trabalhem, junto das populações que visitarem, pela creação de bibliothecas escolares em todos os grupos, quer de biblio-

theca pedagogica, consagrada á cultura profissional dos professores, quer de bibliotheca infantil, destinada exclusivamente aos alumnos.

12.ª) Participem das reuniões de professores e dos dias de leitura, orientando-os de accordo com informações já ministradas pela Inspectoria, e estabeleçam discussões intelligentes, elevadas e fecundas sobre themas pedagogicos.

13.ª) Procurem agir de egual para egual para com os funccionarios do ensino, mais propondo do que impondo doutrinas, e, em todo caso, escutando as suggestões e as opiniões delles, porque muitas vezes estão com a verdade, mesmo contrariando auctoridades de relevo.

14.ª) Promovam a collaboração dos professores na "Revista do Ensino", e em todas as iniciativas tendentes a beneficiar o ensino e que exigem a contribuição de todos, não sendo razoavel que a "Revista" perfilhe erros e os seus collaboradores incorram em enganos, sem o protesto de quem quer que seja.

15.ª) Tomem, sempre, muito interesse pelo desenvolvimento das instituições uteis aos grupos.

16.ª) Estimulem a acção dos Conselhos Escolares e das Associações das Mães de Familia, em palestras amistosas, afim de que estas instituições preencham seus fins.

17.ª) Velem pela frequencia dos grupos, interessando o director e os professores nessa campanha benemerita, que não deve cessar um instante.

18.ª) Prestem assistencia technica, de facto, aos grupos, exigindo da directoria e docencia não só efficiencia instructiva e assiduidade ao trabalho como harmonia interna e confiança reciproca, para que não seja despendido em pura perda o esforço dos mesmos.

19.ª) Sejam imparciaes, justos e ponderados, exercendo sua missão com o elevado intuito de bem servir o cargo e de evitar irregularidades e dissidios prejudiciaes á causa da instrucção.

20.ª) Exijam a observancia rigorosa do Regulamento e do programma.

21.ª) Instruam os directores a respeito dos horarios, fazendo que estes sejam organizados de accordo com a orientação contida no "Aviso" que o "Minas Geraes" publicou e explicando-lhes que os ditos horarios, uma vez visados pelos inspectores escolares locaes, produzirão effeito independente de exame nesta Secretaria.

22.ª) Indaguem dos professores si recebem o "Minas Geraes" e a "Revista do Ensino"; em caso contrario, mencionem o não recebimento nos relatorios.

23.ª) No caso da fiscalização repetida, podem deixar de apresentar os boletins de notas, si não houver modificação no juizo anterior. Convém que lancem no relatorio a seguinte declaração: "Mantenho as notas dos boletins anteriores". A cada professor corresponderá um boletim.

24.ª.) Sendo a impressão consignada no relatorio o resumo do juizo que o assistente fórma do conjuncto do estabelecimento visitado, e na qual esta Inspectoria se baséa para officiar aos directores, é indispensavel que ella exprima realmente o sentir de quem a consigna e patenteie o estado exacto da organização e efficiencia do instituto e idoneidade profissional do corpo docente.

25.ª) Apresentem, quinzenalmente, relatorios visados pelos directores dos grupos e pelos inspectores escolares.

*Aos presidentes das Federações Escolares Municipaes*

Recommendo aos senhores presidentes das Federações Escolares Municipaes que observem, com muito cuidado, as instrucções abaixo, nas visitas ás escolas reunidas e isoladas, publicas e particulares:

1.ª) Ausentem-se, dos grupos que dirigem, no inicio da fiscalização, e a elles retornem uma vez terminadas as visitas.

2.ª) Effectuem as visitas em dias seguidos, excluidos os domingos, quintas-feiras e feriados, e não intercaladamente como têm feito alguns presidentes.

3.ª) A visita a cada escola deverá durar um dia, podendo ser prolongada por mais um, no caso de precisar o professor de assistencia technica.

4.ª) A inspecção, em cada periodo, não póde exceder de trinta dias.

5.ª) Só depois de percorrida toda a federação, será repetida visita a qualquer escola.

6.ª) Não fiscalizem os grupos escolares, pois cabe essa tarefa aos assistentes technicos regionaes.

7.ª) Promovam a creação de caixas escolares, nas sédes dos districtos que ainda não as possuam.

8.ª) Dêem instrucções precisas e minuciosas aos professores, consignando-as todas nos termos de visitas.

9.ª) Verifiquem, quando voltarem ás escolas, si estas progrediram e si as recommendações deixadas foram cumpridas pelos professores; em caso contrario, declarem os motivos da inobservancia das instrucções.

10.ª) Orientem os professores sobre a execução do programma e a respeito dos dispositivos referentes á frequencia obrigatoria. Façam para os mesmos aulas-modelo.

11.ª) Não consignem nos termos de visitas elogios aos professores.

12.ª) Respondam aos quesitos dos relatorios taes como se acham formulados, sem fugirem da letra, por meio de circumloquios que não satisfaçam ás perguntas.

13.ª) Declarem, nos relatorios, si são estaduaes ou particulares os predios das escolas publicas, visitadas.

14.ª) Não peçam nos relatorios mobiliario e material para as escolas que delles necesssitarem, mas em officio separado.

15.ª) Inspeccionem, com cuidado, as escolas particulares, verificando si os respectivos professores observam as disposições regulamentares, e, sobretudo, si mantém escripturação pela qual se possa saber que os alumnos não fogem á obrigação escolar. Devem agir com rigor, pois muitas dessas escolas têm sido meios de burlar o Regulamento.

16.ª) Os relatorios serão visados pelos professores das escolas inspeccionadas, devolvendo-se os que vierem sem essa formalidade. E' dispensavel o "visto" do inspector escolar.

17.ª) Os pedidos de pagamento das despesas de conducção e diarias virão acompanhados de recibos (menos quanto ás viagens nas vias-ferreas) e de uma nota explicativa, dia por dia, do serviço feito durante o mez. Quando não fôr mencionada na petição a collectoria por onde deva ser effectuado o pagamento, requisitar-se-á o mesmo á bocca do cofre.

18.ª) Só os professores estaduaes estão sujeitos a estagios em grupos escolares, nos termos do artigo 86 do Regulamento.

19.ª) Tenham bem em vista que sua missão não é apenas verificar o estado das escolas, mas principalmente encaminhar com segurança os professores, prestando-lhes assistencia technica

conveniente e corrigindo os defeitos encontrados na marcha dos trabalhos lectivos.

20.ª) Emittam juizos exactos e justos sobre a acção dos professores, para que se possa, firmado nelles, agir proficuamente nas medidas allusivas ás escolas a cargo dos mesmos.

21.ª) Indaguem dos professores, si recebem com regularidade o "Minas Geraes" e a "Revista do Ensino"; em caso contrario, mencionem o não recebimento nos relatorios.

22.ª) Instruam os professores a respeito dos horarios, fazendo que estes sejam observados e organizados de accordo com a orientação contida no "Aviso" que o "Minas Geraes" publicou, explicando-lhes que os ditos horarios, uma vez visados pelos inspectores locaes, produzirão effeito, independente de exame nesta Secretaria.

23.ª) No caso de fiscalização repetida, podem deixar de apresentar o boletim de notas, si não fôr preciso modificar o juizo anterior. Farão, no relatorio, a seguinte declaração: "Mantenho as notas do boletim anterior". Si na escola trabalharem duas docentes — cathedratica e estagiaria — será organizado um boletim para cada uma. Não podem figurar num boletim dois ou mais nomes.

24.ª) Cada relatorio será acompanhado da copia do termo de visita e, quando fôr organizado, do boletim de notas.

25.ª) Obedeçam, no que fôr applicavel, ás instrucções baixadas aos assistentes technicos regionaes.

—

Chamo especialmente a attenção não só dos assistentes technicos, como dos presidentes das federações para as syndicancias e inqueritos que tiverem de abrir, em cumprimento de ordem desta Inspectoria, porque taes actos, na maioria dos casos, têm deixado de produzir effeito pela deficiencia das provas e tambem existencia de falhas na sua realização.

A syndicancia é cabivel na apuração de factos, que podem motivar a applicação de penas leves: admoestações, reprehensão, multa e suspensão do exercicio. Quando, porém, pela indagação das causas, verificar o inquiridor que o infractor, em consequencia das faltas commettidas, pode incorrer na sancção de algum dos seguintes artigos do Regulamento do Ensino Primario—535, paragrapho unico, 540, 541 e 547, — promoverá a abertura de inquerito administrativo, assistido pelo mesmo infractor, que será notificado por officio, conforme exige o artigo 561, paragraphos 1.° e 2.°. Ser-lhe-á permittido indicar, nas declarações, testemunhas de defesa, cujos depoimentos serão tomados após os das testemunhas de accusação. Não produzirão effeito, aqui, os depoimentos das testemunhas de defesa que não receberem previa notificação.

O processo terá começo com as declarações tomadas ao denunciante, si este existir, seguindo-se as do denunciado. Ainda que não exista queixa, devem ser tomadas as declarações do infractor, quer no caso de inquerito, quer no de syndicancia. Será nomeado escrivão "ad-hoc", para o inquerito (artigo 562); mas não existindo no logar pessoa em condições de escrever os depoimentos, tal serviço poderá ser feito pelo proprio inquiridor. Este assignará, sempre, com as testemunhas e o infractor (quando presente) os depoimentos, tomados em termos de assentada.

De accordo com o artigo 559, acceitará o inquiridor a defesa escripta que o infractor lhe apresentar, juntando-a ao processo.

A defesa e os documentos que a instruirem serão devidamente sellados; as firmas dos documentos devem ser reconhecidas por tabellião ou escrivão de paz.

Quando o infractor não estiver no logar, essa circumstancia constará de termo lavrado no processo. Colherá o inquiridor, com interesse e o desejo unico de fazer justiça, e não como automato, para cumprir apenas imposição regulamentar, todos os elementos de provas ao seu alcance, facilitando, assim, o esclarecimento da verdade.

As assignaturas dos inqueritos, e das respostas aos officios dos syndicantes (salvo a documentação da defesa), não precisam de vir reconhecidas.

O inquerito, depois de concluido, será remettido a esta Inspectoria, acompanhado de relatorio. Neste, o inquiridor esclarecerá devidamente a situação do infractor, analysando os seus antecedentes, os motivos que o levaram a infringir o Regulamento, as suas condições personalissimas e as do meio em que vive, deduzindo conclusões esclarecedoras do facto ou factos apurados.

Dirá-si a queixa (caso exista) é procedente ou resulta de vingança pessoal ou politica. Deverá comparar os depoimentos e os documentos, salientando o valor dos mesmos e mencionando os que não possam produzir effeito por motivo de parentesco (até o 3.° gráu), de inimizade ou amizade intima, etc.

Trabalhando o infractor em grupo escolar, são indispensaveis os depoimentos dos professores e do director; negando-se algum a depôr ou a responder o officio que lhe fôr dirigido, será communicada a recusa a esta Inspectoria para fins punitivos.

No caso de accusação á idoneidade moral do funccionario, a apuração do facto exige muita circumspecção e a possivel reserva, sem assistencia de pessoas extranhas, afim de que elle, accusado, si inveridica a queixa, não fique diminuido perante seus collegas, alumnos e moradores do logar.

E' condemnavel a praxe seguida por alguns assistentes technicos e presidentes das federações de se limitarem, no relatorio, á simples enumeração dos factos, sem entrarem na apreciação do valor dos documentos colligidos e dos depoimentos tomados, deixando esta tarefa para a secção, que, muitas vezes, não dispõe de tempo para tanto.

Não ha duvida que é mais facil a quem viu e auscultou a opinião publica estabelecer a culpabilidade ou inculpabilidade do infractor, alvitrando medidas em defesa do ensino publico.

Assim, cada um, na medida de suas forças, deve procurar facilitar a acção moralizadora da Secretaria, investigando faltas com imparcialidade e dedicação e relatando os processos com superioridade de vistas.

—

As syndicancias, como já ficou dito, serão abertas para a apuração de faltas leves.

Os funccionarios que dellas forem incumbidos ouvirão, de começo, o accusador (si houver) e o infractor, caso verifiquem, pelas indagações previas, que a pena a ser applicada não irá além da suspensão. Dirigirão officios ás auctoridades — judiciarias, policiaes e administrativas, — bem como ao inspector escolar local, aos paes de alumnos e pessoas respeitaveis, pedindo informações, por meio de quesitos, sobre o infractor.

Os itens abrangerão as faltas commettidas, devendo ser evitadas perguntas confusas, desnecessarias e sem relação com os factos determinantes da syndicancia. As respostas não devem ser dadas

por monosyllabos — sim e não — mas desenvolvidas de accordo com as perguntas. No acto da entrega dos officios, a auctoridade syndicante esclarecerá este ponto. Os officios, que forem respondidos, acompanharão o relatorio. Neste, a dita auctoridade explicará, minuciosamente, mas sem divagações inuteis, o que poude verificar, *in loco*, a respeito do infractor e do seu procedimento. Completando as informações colhidas, virá um relatorio (impresso), allusivo á inspecção do grupo ou escola, documento este insdispensavel, sempre que deva ser examinada a actuação do infractor dentro do estabelecimento, quer a respeito da technica do ensino, já quanto ao seu modo de cumprir deveres. Esta exigencia deve ser observada tanto nos inqueritos como nas syndicancias.

Sempre que, nas visitas ordinarias, fôr encontrado um estabelecimento sem frequencia, deixando de estar patente a causa justa, convém a abertura de syndicancia, principalmente faltando ao docente ou docentes idoneidade profissional e o apoio dos paes de familia. Lembro que não poderá causar boa impressão ao visitante, por mais habil que seja o professor, escola infrequente ou com frequencia muito distanciada da matricula. Este ponto é merecedor de muita attenção.

Igualmente deve ser aberta syndicancia, e com mais razão, quando o comparecimento dos alumnos á visita foi inferior ao minimo regulamentar, em flagrante desaccordo com a frequencia registrada no livro de ponto diario para os dias anteriores, deixando isto prever a falsificação da frequencia diaria.

Tal irregularidade será esclarecida não pelo simples exame da escripta, como julgam muitos, mas por uma indagação bem orientada, fóra da escola.

Apprehendido o livro de ponto diario (que será restituido, depois, ao professor), escolherá o fiscal os alumnos de frequencia ininterrupta ou os que a tiverem mais elevada, arguindo os respectivos paes a respeito. Si o pae de um alumno que figurar sem falhas no livro de ponto diario, puder precisar dias em que o mesmo falhou ou, então, si um pae verificar que seu filho é dado como presente ás aulas em dia ou dias que não compareceu á escola, está feita a prova. Será delle colhida a declaração escripta. Basta que cinco ou seis paes apontem desencontro entre a frequencia real dos filhos e a assignalada no livro de ponto diario, para ficar constatada a deshonestidade profissional do docente. E' por esta fórma que se apura a fraude da frequencia, e não pelo superficial exame da escripturação, que póde estar optimamente feita, mas fraudada nas columnas do livro de ponto pelo lançamento da letra "c" em vez de "f".

A experiencia tem demonstrado que a maioria dos paes se interessa pela frequencia dos filhos, quando a estes é ministrado ensino proveitoso. O bom professor, ninguem ignora esta verdade, consegue, sempre, frequencia apreciavel, ao passo que o máu vive luctando com a inassiduidade dos alumnos. O ensino attrahente prende a criança; o transmittido por processos archaicos, a repelle. E' indispensavel, portanto, levantar o nivel da escola, para trazel-a sempre bem frequentada.

E' dever da inspecção do ensino elevar os professores assiduos, dedicados, estudiosos e cumpridores de suas obrigações, cabendo-lhes, outrosim, a tarefa de apontar á Administração os desidiosos e incapazes de bem leccionar, para os fins previstos no Regulamento.

BIBLIOTECA
ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

Em proveito dos proprios docentes, deve ser combatida a inassiduidade dos alumnos ás aulas, exigindo medidas coercivas a falsificação da frequencia, pelo mal que ella causa á sociedade.

A tecla, em que todos batem: "desamor do povo pela instrucção"; "occupação dos alumnos nos serviços domesticos e da lavoura"; "impossibilidade de combater o professor a inercia dos paes"; já está gasta e não produz mais effeito.

—

O Regulamento, para prevenir o mal, estabeleceu a obrigatoriedade da frequencia escolar (Cap. IV, artigos 21 e 33), cumprindo ao professor executal-o, na parte que lhe compete, com a remessa, a esta Inspectoria, das listas dos alumnos infrequentes e dos nomes dos responsaveis pela sua educação, afim de ser imposta a multa regulamentar aos infractores.

Não devem os assistentes technicos e os presidentes das federações olvidar que um simples relatorio escripto, ás vezes, sem verdadeiro interesse pelo esclarecimento da verdade, jámais constituirá processo de syndicancia.

Provas e mais provas, de valor real, são os elementos de que precisa a Administração para punir ou premiar; é necessario, pois, que sejam ellas colhidas em fontes insuspeitas.

Não precisando o Governo de saber que determinado estabeleto está em decadencia, mas que o fiscal empregou medidas adequadas a lhe regularizar a situação, confia esta Inspectoria no criterio e boa vontade dos assistentes technicos e presidentes das federações, a fim de que a inspecção escolar, no corrente anno, se faça com a maxima regularidade e efficiencia.

Inspectoria Geral da Instrucção, em Bello Horizonte, 13 de janeiro de 1930. — *Mario Casasanta.*

—

## Aviso

Recommendamos aos srs. directores de escolas normaes equiparadas, aos srs. directores de grupos e ao professorado em geral, uma lista dos livros que reputamos essenciaes, para a organização das bibliothecas.

Taes livros são sufficientes para a comprehensão e pratica da escola activa e devem ser adquiridos de preferencia, deixando-se de lado, emquanto não estiver constituida a bibliotheca para professores, obras puramente literarias ou scientificas.

Não ha necessidade, no começo, de adquirir todos os livros de psychologia e de historia da educação, aqui recommendados, podendo restringir-se a uma ou duas obras.

Insistimos particularmente em recommendar as obras de João Toledo, Faria de Vanconcellos e Ferrière.

### *Psychologia educacional*

Piffault: "Psychologie".

Claparède: "Psychologie de l'enfant".

Claparède: "Comment diagnostiquer les aptitudes des enfants".

Riboulet: "Psychologie appliquée à l'education".

R. P. de La Vaissière: "Psychologie pédadogique".

(Os dois ultimos auctores são catholicos).

*Hygiene escolar*

Méry: "Hygiene scolaire".

*Historia da Educação*

François Gueux: "Histoire de l'instruction et de l'éducation".
Compayré: "Histoire de la pédagogie".
Riboulet: "Histoire de la pédagogie".

*Methodologia*

João Toledo: "Crescimento mental".
João Toledo: "Escola brasileira".
João Toledo: "Didactica".
Ferrière: "Theorie de l'école active".
Ferrière: "Pratique de l'école active".
(Todas as obras desse auctor são excellentes).
Faria de Vasconcellos: "Pedologia e pedagogia".
Faria de Vasconcellos: "Didactica de sciencias naturaes".
Faria de Vasconcellos: "Problemas escolares" (2 vols.) (Edições portuguezas).
Delgado de Carvalho: "Methodologia de geographia".
Dewey: Todas as suas obras são recommendaveis e se acham traduzidas em hespanhol, na collecção *Ciencia y Educacion, Seccion Contemporanea,* Edições da "La Lectura", Paseo de Recoletos, 25 — Madrid.
Augé: "Pédagogie générale".
Alberto Pimentel Filho: "Pedologia".
Adolpho Lima: "Methodologia" (Edição portugueza).
Bernardo Fonseca Lage: "Lições de Methodologia" (Edição portugueza).
Hamaïde: "Methodo Decroly" (Edição brasileira, Briguiet).
Goué: "Como fazer observar" (Edição brasileira, Briguiet).
Bremond: "Lectures de pédagogie pratique".
Bremond: "Les aucteurs pédagogiques".
Medeiros e Albuquerque: "Tests".
Manoel Bomfim: "Tests".
Maranhão: "Escola experimental".
Dr. Th. Simon: "Pédagogie experimentale".
Angelo Patri: "Vers l'école de demain" (edição franceza) ou "Escuela del porvenir" (edição hespanhola, collecção *Ciencia y educacion*).
Publicações da *Revista de Pedagogia* (Miguel Angel 31, Madrid). E' uma esplendida collecção de obras pedagogicas, de preços muito modicos e facilmente adquiriveis. A série methodologica, por exemplo, comprehende estudos sobre todas as materias, de 1$500 e 2$000 o volume.
*Bibliotheca de Educação*: E' uma série de livros organizada sob a direcção do professor Lourenço Filho e editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, rua Libero Badaró, — 30 — d — São Paulo. Contém excellentes estudos e o preço varia entre 4$000 e 5$000.

Bello Horizonte, 11 de março de 1930. — *Mario Casasanta,* inspector geral da Instrucção.

# Informações uteis

Serão respondidas, nesta secção, tanto quanto possivel, todas as consultas concernentes ás questões de ensino, quer technicas, quer administrativas.

*P. — Póde um alumno que haja concluido o curso primario em escola urbana, districtal ou rural, que é de tres annos apenas, prestar exame das materias do 4.º anno de grupo escolar, em época extraordinaria?*

R. — Ao individuo que terminar o curso primario de tres annos, em escola urbana, districtal ou rural, não é vedado *requerer* exame do 4.º anno de grupo, em época regulamentar ou extraordinaria, quer logo depois de concluido o curso, quer tempos depois, porquanto o Regulamento, no capitulo III da parte X, não faz nenhuma restricção a respeito nem exige apresentação de documento que lhe abone o preparo. — *A. Marinho.*

Imprensa Official do Estado de Minas Geraes

Origem: Doação